

Arte/Educação
INTERMIDIÁTICA DIGITAL

DEPOIMENTOS PROVOCATIVOS

Fundamentos da
Arte/Educação digital

ORGANIZADORAS

Fernanda Pereira da Cunha
Iolene Mesquita Lobato

Gráfica UFG

GOVERNO FEDERAL
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS



Distribuição gratuita, proibida a venda.
Todo o conteúdo deste material é de inteira
responsabilidade de seus respectivos autores.

Arte/Educação
INTERMIDIÁTICA DIGITAL

DEPOIMENTOS PROVOCATIVOS

Fundamentos da
Arte/Educação digital

ORGANIZADORAS
Fernanda Pereira da Cunha
Iolene Mesquita Lobato

1º Edição
Goiânia, 2018

REITORIA

Edward Madureira Brasil

PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO

Laerte Guimarães Ferreira Júnior

COORDENAÇÃO GERAL

Fernanda Pereira da Cunha

SUB-COORDENAÇÃO

Ana Guiomar Rego Souza

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E COMISSÃO ORGANIZADORA

Iolene Mesquita Lobato

ORGANIZADORAS

Fernanda Pereira da Cunha

Iolene Mesquita Lobato

PROFESSORES AUTORES

Fernanda Pereira da Cunha

Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo

Iolene Mesquita Lobato

Nilcéia Protásio

CONSELHO EDITORIAL

Ana Mae Barboza

Analice Dutra Pillar

Andrea Hofstaetter

Gilvânia Maurício Dias de Pontes

Maria Helena Wagner Rossi

Maria Isabel Petry Kehewald

Márcio Penna Corte Real

Rejane Reckziegel Ledur

Rosângela Fachel de Medeiros

TRANSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS

Laura Verônica Ruiz

DIREÇÃO DO CENTRO INTEGRADO DE APRENDIZAGEM EM REDE • CIAR

Marília de Goyaz

VICE-DIREÇÃO DO CENTRO INTEGRADO DE APRENDIZAGEM EM REDE • CIAR

Silvia Figueiredo

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO E DE COMUNICAÇÃO IMPRESSA

Ana Bandeira

DESIGN GRÁFICO E PROJETO EDITORIAL

Equipe de Publicação CIAR

CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO

Fernanda Soares

Leandro Abreu

Nicolás Gualtieri

EDITORIAÇÃO

Fernanda Soares

REVISÃO LINGÜÍSTICA

Andelaide Lima

Ana Paula Ribeiro

Olira Rodrigues

Dedicatória

Esta Coletânea é dedicada integralmente, com profunda admiração e carinho em memória ao nosso querido Dr. Everaldo Rocha Bezerra Costa, ex-procurador-chefe junto à Universidade Federal de Goiás. Homem íntegro, amigo, semeador da Lei, cultivador da ética, produtor de justiça. Mão amiga, que acolhe em/pela justiça. Com saudades e com eterna gratidão.

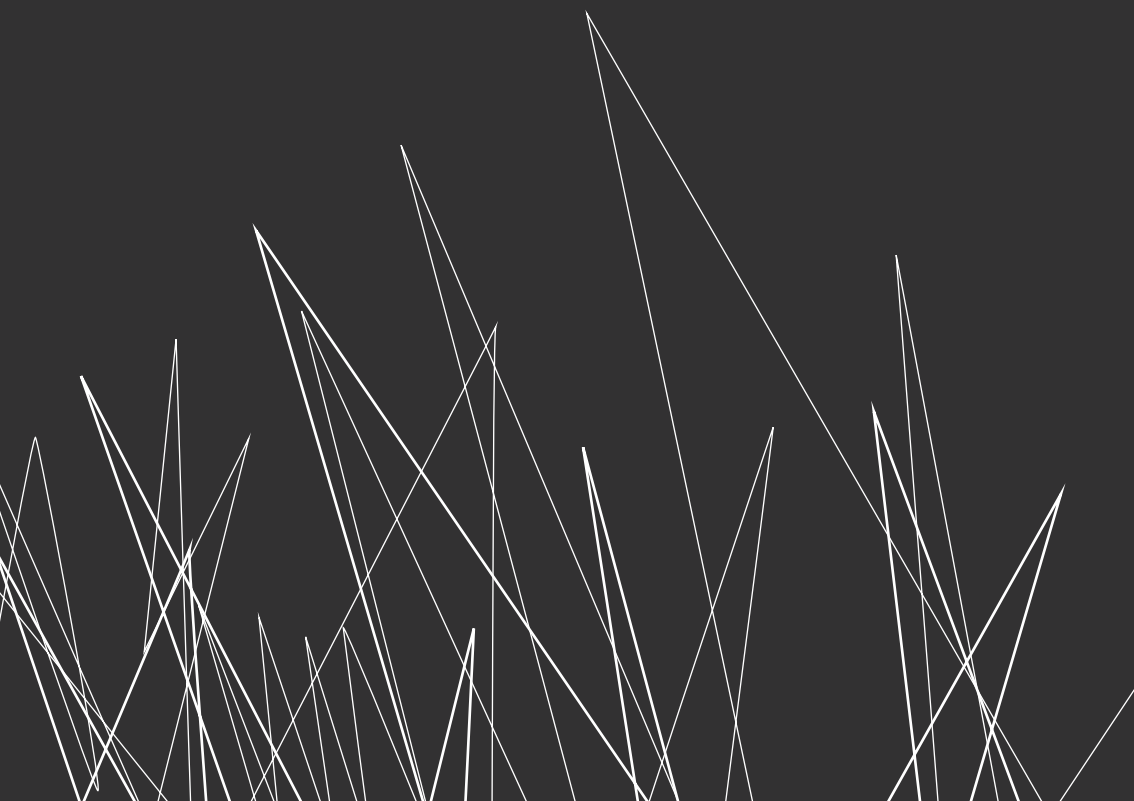
Sumário

Núcleo Temático 1: Fundamentos da arte/educação digital

Fundamentos da Arte/Educação	9
<i>Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo</i>	
Arte/educação versus e-Arte/Educação no contexto da cultura digital e não digital: Abordagem Triangular versus Sistema Triangular Digital	21
<i>Fernanda Pereira da Cunha</i>	
Inclusão da cultura digital juvenil na e-Arte/Educação	36
<i>Nilcéia Protásio</i>	
Seminário Intermediático Digital	51
<i>Fernanda Pereira da Cunha</i>	
<i>Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo</i>	
<i>Iolene Mesquita Lobato</i>	
<i>Nilcéia Protásio</i>	

> NÚCLEO TEMÁTICO 1

Fundamentos da Arte/Educação Digital





FERNANDO ANTÔNIO
GONÇALVES DE
AZEVEDO¹

1. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco-Campus Agreste.

Fundamentos da Arte/Educação

Meu nome é Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo, eu uso sempre o meu primeiro e o último, Fernando Azevedo, sou do campo da arte/educação. Desde muito cedo, desde criança, aprendi que o campo da arte/educação é um campo de inclusão. Foi por meio da arte que eu aprendi a ler, a escrever e a gostar da escola. Porque como criança disléxica, eu estudei numa escola especial e nessa escola tinha arte. Por exemplo: desde a massa para fazer o boneco, a construção do boneco, vestir o boneco e representar com o boneco na caixa mágica, eu aprendi nessa escola. E aprendi a lidar com as diferenças. Então é desde muito cedo que a arte se apresenta para mim como esse grande campo plural, esse grande campo intercultural, esse grande campo de muitos pensares e muitos fazeres.

A minha formação inicial é em filosofia e todas as outras, por exemplo, fiz pós-graduação, fiz especialização em teatro, depois em desenho e expressão gráfica, o Mestrado em Artes Plásticas, hoje Artes Visuais, e o Doutorado em Educação discutindo a arte/educação. Trabalho na Universidade com a arte/educação, com formação de professor em arte/educação. Então, é um prazer para mim falar sobre arte/educação.

E essa disciplina que se chama *Fundamentos da Arte/Educação*, cuja ementa é **Arte/educação: aspectos históricos, sociais, políticos, estéticos, principais teóricos da Arte/educação, a Arte/educação no Brasil**. Para mim, foi muito desafiador pensar sobre essa disciplina. E fiquei pensando como abordar essa disciplina em uma conversa filmada. Fiz várias tentativas de roteiro e fiquei pensando assim: eu poderia ir pelo caminho da Lei, pegar as duas grandes Leis no Brasil: “**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692/71 e a Lei nº 9.394/ 96**”. A primeira lei que inclui na escola a educação artística, então a arte, mas a arte como atividade; e a outra Lei, a Lei de 96, uma Lei que passou dez anos para ser aprovada coloca a arte não mais como simples atividade que qualquer um podia fazer de qualquer jeito, de qualquer modo, mas a arte como um conhecimento. Podíamos abordar por aí. Mas aí fico pensando, fica dura, fica seco. Eu queria algo que emocionasse o estudante já que a gente está se comunicando via imagem, algo que fosse forte e que tivesse a ver com a imagem. Então, pensei o seguinte: pensei em trazer personagens importantes da história da arte/educação que são também personagens importantes da educação brasileira, e a conexão entre essas personagens.

Então, pensei em trazer Paulo Freire, Noêmia de Araújo Varela, Ana Mae Barbosa, Anísio Teixeira e Madalena Freire.

Por que essas personagens?

E pensei também juntar todas essas personagens por meio de uma imagem, uma imagem artística, de um artista pernambucano que se chama Francisco Brennand.

Paulo Freire pediu a ele, para que ele fizesse imagens para serem trabalhadas nos círculos de cultura, imagens que provocassem reflexão sobre os temas geradores nos círculos de cultura. E ele fez essas imagens. E, quando a ditadura se instalou essas imagens foram confiscadas. O artista, pelo fato de ser um artista das elites intelectuais e econômicas pernambucanas, conseguiu reaver seis

imagens, só que Paulo Freire, muito astutamente havia micro-filmado essas imagens. Vocês inclusive vão ver essas imagens. Tenho um pequeno acervo de seis dessas imagens, que mostram um pouco, revelam um pouco da história arte/educação brasileira. Então, a gente já tem uma conexão, o artista Francisco Brennand ao conhecer Paulo Freire, Paulo Freire pede que ele faça essas imagens.

Depois entra em cena Ana Mae Barbosa. Ana Mae foi aluna de Paulo Freire e diz muito claramente, está até nesse livro aqui *Ensino de Arte: memória e história*, que não gostava de educação, ela foi fazer porque ela precisava. E sendo aluna de Paulo Freire ela se encantou por educação. Então, entram em cena Ana Mae Barbosa e Noêmia Varela, neste mesmo curso que Ana Mae foi fazer numa escola que existe até hoje no Recife criada por Paulo Freire e dona Elsa Freire, a primeira mulher dele, Instituto Capibaribe. Ana Mae foi fazer um curso para fazer concurso para ser professora do Estado de Pernambuco. Dona Noêmia Varela dava a disciplina Arte/ Educação, já com esse nome arte/educação. A partir de então, entra em cena dona Noêmia nessa história.

E Anísio Teixeira, muito apaixonado, fez mestrado em Arte nos Estados Unidos com John Dewey, e quando ele volta para o Brasil influencia muito o trabalho do movimento escolinhas de arte, e ao influenciar o trabalho do movimento escolinhas de arte vai influenciar tanto o pensamento de Noêmia Varela, quanto o pensamento de Ana Mae Barbosa e o de Paulo Freire também, porque Paulo Freire se dizia discípulo de Anísio Teixeira. Então, essa conexão entre esses educadores e arte-educadores é muito importante ser estudada.

E então, entra em cena a mais jovem de todas, que é Madalena Freire, é filha de Paulo Freire e arte-educadora. Ela lançou um livro em 2008 que chama-se *Educador educa a dor* e ela revela muito nesse livro dessa história, tanto apresentando imagens quanto em seu prefácio dizendo da importância de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa em sua formação; e é claro, do seu pai e da sua mãe também.

Inclusive, Ana Mae através de pesquisa diz que Dona Elsa Freire, a mãe da Madalena Freire foi quem introduziu na escola pública pernambucana, arte/educação.

Então, a ideia é que vocês sabendo um pouco dessa história pesquisem, busquem entender, e as pistas: a pista o livro *Ensino de Arte: memória e história* é uma boa pista, o dicionário Paulo Freire é uma boa pista, e o livro *Educador educa a dor* de Madalena Freire também é uma boa pista.

Como o curso é um curso em que tem como princípio a inter-relação e a interação de todas as linguagens da arte, ele trabalha com a ideia da interterritorialidade. Quer dizer, nesse momento que nós vivemos um momento “inter”, nós vemos que, por exemplo, as grandes exposições se constituem. Um exemplo é a Bienal de São Paulo em que você tem toda a exposição do ponto de vista visual, mas que está articulada a um ponto de vista musical, que está articulada a um ponto de vista da palavra poética, quer dizer, as linguagens se interconectam, então nós estamos vivendo um tempo de inter-relações.

A própria Ana Mae, no livro *Interterritorialidade* fala uma coisa interessante, ela disse que “vivemos na era “inter”, que estamos vivendo um tempo em que a atenção está voltada para a internet, a interculturalidade, a interdisciplinaridade, a integração das artes e dos meios como modo de produção e de significação desafiadores de limites, fronteiras e territórios” (BARBOSA, 2008). E isso é um princípio importantíssimo nesse curso e é um princípio muito importante hoje da arte/educação. É claro que a gente pensa que cada uma das linguagens têm a sua própria teoria do conhecimento, suas metodologias, suas histórias, mas não cabe mais ficar confinada em seu pequeno espaço.

É muito importante o espaço da inter-relação, da integração do que a gente chama do princípio da interdisciplinaridade, que é um princípio fundamental hoje em educação. Isso não quer dizer que nós de Artes Visuais vamos nós tornarmos agora pessoas que vão dar aula de teatro, ou de música, mas que juntos, professores de teatro, professores

de artes visuais, professores de música, podemos fazer trabalhos interessantes em que a base é o diálogo entre essas linguagens. Porque na vida elas estão assim. A gente quando vai ver, por exemplo, um espetáculo de dança, uma Debora Colker, por exemplo, não é só um espetáculo de dança, você tem ali também música, você tem muito de artes visuais porque tem toda uma cenografia, todo um guarda-roupa que dá sentido, que dá variados sentidos, variadas possibilidades de leitura para aquela produção. Então é muito importante o conceito de interdisciplinaridade. Outro conceito que eu penso e autores como a própria Ana Mae coloca, é muito importante o de interculturalidade.

A interculturalidade é um conceito muito caro à educação contemporânea e muito especialmente à Arte/educação contemporânea. Um filósofo da educação brasileiro estudando o pensamento freiriano, Carlos Rodriguez Brandão, sistematizou quatro princípios para os círculos de cultura. Esses princípios indicam o que é interculturalidade. O primeiro princípio diz assim:

[...] cada pessoa é uma fonte original e única de uma forma própria de saber; e qualquer que seja a qualidade deste saber ele possui um valor em si por representar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha na vida social (BRANDÃO, 2005).

Quer dizer cada pessoa, ela, ao mesmo tempo em que se constitui pela história, pela língua, pelo social, ela está assujeitada a tudo isso, ela ainda assim tem algo que é só dela, do ponto de vista da pessoa. E isso também do ponto de vista do grupo social. E ele então complementa dizendo:

[...] assim também cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou de várias comunidades sociais. Cada cultura

só se explica de seu interior para fora. E seus componentes vividos e pensados devem ser o fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social (BRANDÃO, 2005).

Quer dizer, do mesmo modo que nós nos constituímos assujeitados pela história, pela língua, pelo social e pelo nosso inconsciente também, os grupos sociais também se constituem assim. E segundo Carlos Rodriguez Brandão, interpretando Freire, só podem ser explicados de dentro para fora e nunca de fora para dentro. Desse modo, vamos dizer, complementa a ideia de que todo grupo humano é muito mais heterogêneo do que homogêneo. E que o rico é isso. Então é muito importante que a escola seja esse lugar de diálogo e que implique conflito também porque não é diálogo só para dizer eu te amo, às vezes é para dizer não te amo. Mas que seja dito de igual para igual, que seja dito de maneira a ser trabalhado. Então, conflito também é muito importante.

O terceiro é muito interessante e nós já conhecemos, quem estuda Paulo Freire conhece bem, ele diz assim: “ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho” (BRANDÃO, 2005). Há princípios da arte/educação que eu aprendi com Ana Mae, porque foi Ana Mae quem me ensinou a importância de Noêmia Varela, apesar de eu conhecer Noêmia Varela desde criança, mas foi Ana Mae que me ensinou a importância de Noêmia Varela. A ideia de que não há modelo de certo e errado está aqui, é um princípio intercultural, compreendemos que não há em estudo, em pesquisa, em aprendizagem *o certo e o errado*. Algo é às vezes mais plausível ou algo menos plausível, mas nunca a ideia de certo e errado. E isso eu aprendi desde também muito cedo com Dona Noêmia e compreendi a importância disso mais tarde com Ana Mae. No sentido, vamos dizer assim, teórico eu compreendi com Ana Mae.

Há também o último que diz assim: “Alfabetizar-se, educar-se e nunca ser alfabetizado, ser educado. Significa algo mais do que apenas aprender a ler palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais.

Significa aprender a ler crítica e criativamente o seu próprio mundo "(BRANDÃO, 2005). Quer dizer, já mostra outro aspecto também, ou melhor, nós podemos interpretar outro aspecto muito importante também no pensamento de Paulo Freire e a relação dele com a Arte. Porque pouca gente, isso Ana Mae diz e também deixa muito claro isso, pouca gente sabe que Paulo Freire era professor da Escola de Belas Artes, era da disciplina *História e filosofia da educação*, mas formando professores de Artes Plásticas na época. Então, o sentido de leitura de mundo, neste aspecto, não é só ler e escrever e contar, mas implica na dimensão estética, na dimensão artística. E aí a gente volta a inter-relacionar essas linguagens como algo muito importante.

Para trazer o que é de mais contemporâneo em Arte/educação eu não poderia deixar de falar de uma teoria que é importantíssima, criada no Brasil, e que se chama *abordagem triangular*. A *abordagem triangular* foi vista e ainda é vista por alguns arte-educadores, e com isso não estou dizendo que está errado porque eu não trabalho com a ideia de certo e errado, apenas como uma metodologia ou como um método, porque a própria metodologia implica uma relação com a teoria, mas ela é principalmente uma teoria de interpretação do universo das artes visuais.

E essa teoria vem provocando algo que nós podemos chamar de Virada Arte Educativa, com base na virada linguística e na virada cultural. A virada linguística diz que de repente as vozes daqueles que eram oprimidos passam a ter uma importância social. Quer dizer eu digo aqui de repente como um modo de dizer, essas coisas não acontecem de repente, essas coisas acontecem por meio de muita luta. Então, as minorias passam a ser escutadas, passam a ser consideradas no discurso mais amplo da sociedade. A gente pode dizer assim, nós tínhamos quase que uma subserviência ao código masculino, europeu, o norte-americano branco e passamos a considerar outros códigos: o das culturas afrodescendentes, das mulheres, enfim das culturas consideradas minoritárias. E isso em relação à virada linguística.

Assim, outros textos passam a fazer parte da vida social. E associada à virada cultural principalmente, à virada linguística a gente pode tomar como base o filósofo brasileiro Paulo Ghiraldelli; a virada cultural a gente pode tomar como base o historiador inglês Peter Burke que é um historiador inclusive casado com uma antropóloga brasileira, que mora lá na Inglaterra, eles são professores lá. Ele tem um livro famoso traduzido no Brasil que se chama *História cultural* e que ele mostra a importância das micro-histórias, quer dizer, passamos da história dos vencedores para a história daqueles que não eram considerados na grande cena da história. Então, se nós pegarmos essas duas ideias, a gente vai ver que elas alimentam, que elas fundamentam até a *abordagem triangular*. A abordagem triangular é intercultural, é interdisciplinar e aponta muito claramente para este caminho.

Compreendermos que o espaço da sala de aula não é só dos artistas considerados pela História da Arte conservadora como os mais significativos e importantes, mas que outros artistas de outras culturas podem também nos alimentar e ensinar muito até do que nós somos como brasileiros. Acho que até interessante colocar que a expressão, a nomeação Arte/educação já mostra uma inter-relação de campos de conhecimento. O campo da arte com o campo da educação. Já é uma, a gente já trabalha, o nosso grande guarda-chuva, arte/educação, ele já é “inter” em sua própria nomeação. Que é bom dizer que não é cópia, não é tradução literal norte-americana ou inglesa não.

Eu posso dizer que a gente chega agora a um momento de conclusão, mas não vou usar essa palavra; eu vou usar a palavra inconclusão. Inconclusão porque não dá para terminar nenhum estudo, nenhuma conversa que vale a pena, em tão pouco tempo. E até porque estudar não se esgota, a gente passa a vida inteira aprendendo.

Dessa maneira, a ideia é que essas lacunas que ficaram no texto que eu falei para vocês sirvam como um movimento de interlocução, que vocês pensem um pouco.

Que história da arte/educação você construiria? Pensando o contexto da sua comunidade, da sua cidade, das suas relações com a arte, das suas relações culturais. Pensar isso. Eu quis perseguir aqui muito mais uma narrativa que fosse mais emocionada do que uma narrativa racional. Uma narrativa mais emocionada nos leva às vezes à paixão. E é isso que nos move, nos apaixonamos. Se a gente conseguir com essas poucas palavras, essas poucas ideias, essas poucas conexões despertar a paixão pelo estudo, vale a pena.

Por ora, eu agradeço, agradeço muito a professora coordenadora dessa especialização, a Professora Fernanda Cunha, grande amiga, grande incentivadora e uma pessoa extremamente viva que está sempre em diálogo com a vida. Apaixonada pela vida. Agradeço muito esse momento de me colocar para vocês, dizer um pouco de mim para vocês. Muito obrigado.

Referências

AZEVEDO, F.A.G. *Histórias vivas de lutas: o encontro entre Paulo Freire, Noemia Varela, Ana Mae Barbosa e Francisco Brennand*. In: ZACARRA, M.; PEDROSA, S. (Org.). *Artes visuais e suas conexões: panorama de pesquisa*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010, p. 73-84.

BARBOSA. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. (Org.) *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008. 368 p. BARBOSA, A.; AMARAL. L. (Org.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo; Edições Senac São Paulo, 2008.

BARBOSA, A.M. Paulo Freire e a arte-educação. In: GADOTTI, M. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996. p. 637-639.

BARBOSA, A.; AMARAL. L. (Org.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo; Edições Senac São Paulo, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Método Paulo Freire: O ABC do Método- O trabalho da fala: a pesquisa do universo vocabular*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FREIRE, M. *Educador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

STRECK, D.; REDIN, E; ZITKOSKI, J. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Complementar

BARBOSA, A.M. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002. 184 p.

BARBOSA, A.; CUNHA, F. (Org.). *Abordagem triangular do ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010. 464 p.

YOUTUBE. VARELA, *Noemia: uma vida, fazeres e pensares*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Fk1Cx06ILKM>



FERNANDA PEREIRA
DA CUNHA¹

1. Doutora em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Professora Associada da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG).

Arte/educação versus e-arte/educação no contexto da cultura digital e não digital: Abordagem Triangular versus Sistema Triangular Digital

Olá, o meu nome é Fernanda, Fernanda Pereira da Cunha, eu tenho Licenciatura em Artes pela FAAP Fundação Armando Álvares Penteado e especialização em ensino, arte e cultura pela Escola de Comunicações e Artes da USP. O Mestrado e o Doutorado em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da USP com a concentração em arte-educação.

Nós vamos falar um pouco sobre a *Arte/educação versus a e-arte/educação no contexto da cultura digital e não digital: Abordagem Triangular versus o Sistema Triangular Digital*. Nós estaremos discutindo, trazendo alguns vieses investigativos questionadores sobre as diferenças paradigmáticas entre arte/educação e a e-arte/educação sobre os auspícios da cultura digital e não digital. Conceitos que convergem e divergem da Abordagem Triangular em relação ao Sistema Triangular Digital.

Para isso será importante nós discutirmos essencialmente a Abordagem Triangular. Por quê? Porque o Sistema Triangular Digital ele é uma derivação propositiva da Abordagem Triangular que é concebida e sistematizada pela professora Ana Mae Barbosa. A Abordagem Triangular que é uma abordagem de ensino para as artes, não é uma metodologia para as artes, para o ensino das artes como a professora

Ana Mae Barbosa bem observa, apesar de que a Abordagem Triangular no seu primeiro nome ela foi modificando a terminologia da Abordagem Triangular ao longo desses vinte e poucos anos que a abordagem tem na sua existência. Quando ela é batizada, conta Ana Mae pelos professores como metodologia, metodologia triangular, a professora Ana Mae Barbosa ela recebe, utiliza esse nome que os professores do ensino da rede básica acabam batizando.

Depois, num dos textos que a professora Ana Mae Barbosa, num dos livros que ela discute sobre a Abordagem Triangular lá, faz a correção do nome de metodologia, na época para proposta. E hoje ela utiliza como abordagem. Então, Metodologia Triangular passa para Proposta Triangular e hoje está como Abordagem Triangular. Mas essa correção que ela faz de metodologia para proposta e que se estende para Abordagem Triangular é um conceito que ela entende como equivocando, a metodologia triangular, porque metodologia triangular, o método quem concebe quem utiliza será o professor na construção da sua aula, do seu plano de ensino. Enquanto que a Abordagem Triangular, ela é uma forma, uma possibilidade conceitual de como o Professor de Artes poderá estar utilizando na sua metodologia em sala de aula. Então, a Abordagem Triangular sofre essa correção na terminologia pela professora Ana Mae Barbosa quando ela reconceitua essa organização da nomenclatura do nome de metodologia para abordagem. Porque metodologia será o método, a forma como o professor poderá estar utilizando os aspectos conceituais e propositivos da Abordagem Triangular dentro da sua intenção pedagógica.

A Abordagem Triangular está sistematizada em três eixos principais:

- Arte como expressão e cultura
- O desenvolvimento da consciência crítica
- Consumo Estético

A experiência significativa que a criança, o jovem, o educando poderão ter por meio dessas ações propositivas do ensino da arte por meio do eixo questionador. Que seja provocativo, indagativo, cuja

indagação promova o movimento, a ação crítica, investigativa da pessoa no seu processo de fruição de artes, no seu processo de pesquisa, da busca do eixo indagativo, da intenção, o intento pedagógico deve promover no educando.

Esses três eixos estarão calcados essencialmente em três conceitos. O que a professora Ana Mae Barbosa traz das Escolas ao ar livre, do Paulo Freire e de John Dewey. É bem verdade que esse processo da construção da Abordagem Triangular é um processo orgânico, é um processo histórico e político que está intimamente inter-relacionado com a história política, educativa e histórica da professora Ana Mae Barbosa no seu processo de construção das concepções que a professora Ana Mae Barbosa nos concede em seus livros, em seus escritos, em suas palestras, enfim, na sua trajetória formadora, formativa arte/educativa.

As Escolas ao ar livre, em 1920 quando ela surge no México como uma promoção, uma proposta do desenvolvimento, da redescoberta das relações autóctones da pessoa por meio da manifestação da expressão da arte com vistas ao processo de fortalecer a identidade cultural do México naquela época. É bem verdade que em 1920 nós estávamos aí numa fase, hoje que nós concebemos da arte/educação como arte/educação modernista. A arte/educação modernista está calcada na arte como expressão. Não havia uma preocupação no ensino da arte como a proposição dos aspectos, das relações, do desenvolvimento da consciência cultural, da identidade cultural. Por isso há uma singularidade nas Escolas ao ar livre quando ela tem como aspecto o desenvolvimento da expressão da cultura. A preocupação da expressão e da cultura nos processos da arte e o seu ensino.

As relações intrínsecas de Paulo Freire pelo desenvolvimento da consciência crítica da pessoa através do ensino. A professora Ana Mae Barbosa concebe através do desenvolvimento da consciência crítica, quer dizer o desenvolvimento da percepção cognitiva crítica, através da arte e o seu ensino.

E John Dewey é esse outro eixo essencial na Abordagem Triangular e com seus aspectos conceituais vêm ao encontro com a experiência significativa em que John Dewey traz como aspecto conceitual à consumação estética por meio de uma vivência que seja única, singular e que tenha um resultado completo pela singularidade da experiência vivida, experienciada que culmine numa consciência, numa consumação estética, que tenha uma qualidade estética singular de um aprendizado pessoal real.

A Abordagem Triangular é concebida então por meio de três ações humanas, de três ações do pensamento humano, três ações da mente humana que vão convergir. Na leitura da obra de arte: *no ler, no fazer e no contextualizar*.

No meu Doutorado, em que a professora Ana Mae Barbosa estava como minha orientadora, fui oportunizada dentro da pesquisa científica em estar demarcando uma abordagem de ensino para o desenvolvimento da mente digital crítica, ou seja, a Abordagem Triangular está concebida para o desenvolvimento crítico por meio da leitura, da vivência, da consumação estética da imagem.

O Sistema Triangular Digital vem com a preocupação de uma abordagem de ensino e-arte/educativo, ou seja, arte/educação digital. O e é de *eletrônico*; arte/educação eletrônica digital. Então, por meio da vivência da arte e seu ensino no universo digital, no universo intermediático. Tem-se a preocupação pedagógica para o desenvolvimento da mente digital crítica desses jovens.

Dessa forma, ele estará calcado, o Sistema Triangular, nos mesmos aspectos, nos conceitos da Abordagem Triangular. Esses principais que eu menciono, que as Escolas ao ar livre, Paulo Freire e John Dewey. Com essa preocupação do desenvolvimento de uma vivência consumatória estética digital singular. Por uma experiência significativa que deve se promover, proporcionar como aspecto que ocorrerá pela promoção de ações indagativas, questionadoras, e que o estudante será colocado para que deste modo

ele seja investigador de um processo, do seu próprio processo da ação educativa.

Então a Abordagem Triangular calcada em três ações mentais, na promoção de três ações mentais que é o *fazer*, está intimamente ligado com o que a própria terminologia diz. O fazer a arte que é intrínseco à própria relação da arte, ao fazer arte, o produzir arte. Para que ele tenha uma vivência estética intrínseca da área das artes.

O *ler*, o ler está relacionado com o que a professora Ana Mae Barbosa vai estar falando de ler, de interpretar uma obra de arte ou relações da estética do campo das artes. Essa leitura da imagem está intimamente ligada à interpretação da imagem ou do campo dos sentidos das artes, ela está intimamente ligada com uma vivência completa, significativa, de uma consumação estética vivencial em que, a pessoa, ao ler, ela vai ter as habilidades interativas de ver, julgar, interpretar enquanto o ato desta leitura, dessa relação de interpretação da obra de arte. Ler e interpretar são duas ações que estão intrinsecamente correlacionadas como nos adverte a professora Ana Mae Barbosa.

O *contextualizar* está diretamente relacionado com o estabelecer relações. Então, observe que a contextualização está intimamente ligada com o estabelecer relações, esse estabelecer relações com a obra, em relação aos meus signos, ao que essa obra me representa, ao meu universo imagético, pessoal, aos valores que eu trago, a pessoa que eu sou, ao conteúdo que eu tenho. Há uma troca nesse processo de interpretação da obra de arte. Que troca? Das relações, dos signos, dos conteúdos que aquela imagem está me promovendo no meu ato de ler e interpretar a imagem com os meus signos, os meus valores, com a bagagem do universo que eu tenho que eu sou, que eu trago. Então há uma relação de troca, de interconexão contextual, de contextualizar o universo da imagem com o universo das minhas relações, das imagens, das minhas imagens internas que me constituem enquanto pessoa.

Nós podemos observar então que a Abordagem Triangular está concebida e sistematizada a partir da concepção de promover a ação

concomitante do ler, interpretar e contextualizar. Do ler, ler/interpretar obra de arte, o fazer, e o contextualizar. Observe que essas três ações, a professora Ana Mae Barbosa nos adverte que devem acontecer concomitantemente. São três ações mentais. Essas ações isoladamente elas perdem a condição da promoção do desenvolvimento da mente crítica, do desenvolvimento cognitivo perceptivo através da arte e seu ensino se elas não forem ações que aconteçam concomitantemente.

Há um equívoco muito grande daqueles que colocam as ações da mente humana, essa ação de ler, de refletir, de contextualizar, essa troca contextualizada entre os universos, o que me constitui com o que a imagem me provoca e amplia a minha percepção, a minha reflexão e o meu campo dos sentidos no ato da leitura interpretação por qual a minha ação é de fazer, de expressar uma ideia que daquilo eu constituo, enquanto imagem sígnica, uma imagem daquilo, de um produto ideia que eu concebo e que eu expresso por meio da arte. Essas ações estando separadamente perdem a sua relação formativa no entendimento da professora Ana Mae Barbosa. Assim, não se constitui a proposição arte/educativa pela Abordagem Triangular.

Nós podemos perceber esse equívoco quando os educadores em uma formação um pouco mais frágil no entendimento da Abordagem Triangular colocam essas ações que são intrínsecas e mentais como atividades separadamente. A ação concebe um aspecto de sistêmico, quando eu estou pensando e concebendo a ideia sobre algo para a culminância de uma expressão dessa ideia, eu não tenho como dizer “agora eu contextualizei, neste momento eu estou lendo”, são ações que estão intrínsecas, relacionadas, estão interconectadas. A promoção do ato, ao promover no intento pedagógico o questionamento na ação pedagógica para o meu educando, eu estou colocando, eu posso estar colocando esse educando em um ato de reflexão, de produção, de culminância de um material, ideia que culminará no ato de uma expressão artística, por exemplo. Eu posso começar pelo ato da expressão artística que se culminará em um outro processo dentro da minha ação de

ler, interpretar a imagem de um modo mais significativo, de uma leitura que eu possa ter feito dessa mesma imagem em um primeiro momento. Então, essas ações podem estar, eu posso começar pela leitura, eu posso começar pelo fazer, elas não estão, não há uma ordenação disciplinar, linear, uma após a outra. É uma ação concomitante do processo reflexivo da ação humana e que culmina numa expressão artística. Ou a expressão artística culminará numa promoção ainda mais significativa do meu processo de entendimento de construção da ideia que eu posso ressignificar daquilo por meio de uma vivência significativa, consumatória, intrínseca do meu ato de ensinar e aprender.

O Sistema Triangular Digital, então, terá essas três ações intrínsecas da Abordagem Triangular no contexto da cultura digital. Dessa maneira, nós teremos o e-fazer, como o próprio nome expressa uma ação que pode ser vivenciada na execução empírica de uma produção artística intermediática, o e-fazer vem de *eletronic*, o intermediática no viés das relações de *inputs* e *outputs* computacionais.

Ana Mae Barbosa nos coloca que o fazer é indispensável para o aprendizado da arte e para o desenvolvimento do pensamento da linguagem presentacional que difere do pensamento da linguagem discursiva por exemplo, e também do pensamento científico-lógico. Então, a expressão artística tem uma natureza intrínseca das artes, no caso o e-fazer tem uma natureza intrínseca com a arte computacional, com a arte digital.

O e-ler vem da prática da leitura da produção digital. Pela sua natureza, desloca-se a figura do leitor então para o intérprete. Porque o intérprete tem uma outra, o leitor está concebido como dentro dos conceitos, dos paradigmas da cultura não digital, da cultura tradicional. Na cultura digital entender e vivenciar uma obra de arte digital está intimamente ligada com o meu ato, o meu processo de interpretá-la digitalmente. Um exemplo é um game.

Um game/arte pode, ele é uma arte em potencial. A arte será concebida, estará em ação no processo, no momento do jogo. E quem

é este jogador que coloca esse game/arte em situação de arte? É o intérprete. É aquele que joga o jogo. Então e-arte vem com o conceito de desenvolver as habilidades interativas de ver, julgar e interpretar enquanto participante intérprete crítico. É participante intérprete crítico neste viés, neste intérprete que é a pessoa que coloca o jogo em funcionamento, em ação. O intérprete está promovendo a ação, o processo intrínseco de vivenciar a obra de arte por meio do seu processo interativo no game/arte por exemplo. Então, ele entra como um participante intérprete crítico questionador e não meramente um ser passivo depositário de informações transmitidas. Essa leitura é uma leitura que requer, como já é concebida no ler da Abordagem Triangular a relação intrínseca de ler e interpretar dentro do contexto da cultura digital, do e-ler, do e-interpretar na consumação do vivenciar, do colocar a obra em potencial em estado de obra em ação. Nós também teremos, então, ao ler a imagem que vem no conceito, no aspecto de vivenciar. Ler a imagem é vivenciá-la. É consumá-la. É entendê-la. Assim, a professora Ana Mae Barbosa comenta, preparando-se para o entendimento das artes visuais, se prepara a criança para o entendimento da imagem, quer seja arte ou não.

O e-contextualizar vem no aspecto de ampliar os campos dos sentidos das obras digitais, estabelecendo comparações em diversos tempos e espaços, em relação ao próprio intérprete. O intérprete é quem está consumindo, quem está vivenciando, experienciando por meio do game, a obra. Então, é o mundo que o cerca no mundo, no universo digital. Então, o parâmetro norteador para estabelecer relações que podem potencializar a análise crítico-reflexiva do indivíduo é como a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem.

Veja, a Ana Mae Barbosa nos coloca que a leitura dos campos de sentido da obra é o cerne de seu ensino neste início de século. E ela conclui, a história ganha importância com o contexto que dialoga com outros contextos na decodificação da obra. Então, nesse ato de contextualizar quem são os contextos e outros contextos. Como o con-

texto que eu trago na minha bagagem interna, na bagagem que me constitui enquanto ser, enquanto a identidade do que me promove ser o que eu sou, por meio dos universos, dos caminhos que eu realizo nas minhas escolhas no meu momento em que eu vivencio a obra digital, como exemplo o game digital. As escolhas, as rotas que eu faço trazem uma singularidade nos diferentes contextos que eu experiencio.

Uma leitura, uma simples navegação em diferentes sites por meio de uma intenção que eu tenho enquanto questão na busca desse processo navegativo eu posso escolher diferentes rotas. Essas diferentes rotas poderão ser diferentes universos que eu vou consumando no meu ato interativo de vivência na internet, por exemplo, e que vai, então, estar potencializando o processo de aprendizagem na minha análise crítica e reflexiva enquanto pessoa a leitura do campo de sentidos que eu tenho da arte dentro dos diferentes caminhos que eu escolho das diferentes rotas que eu posso estar experienciando, vivendo, escolhendo no caminho que eu vou cartografando no meu processo, na minha vivência através daquela indagação pela resposta que eu vou dando a uma pergunta.

Então, a intersecção entres estas três ações mentais no Sistema Triangular Digital que é o e-fazer, o e-ler, o e-contextualizar por meio da linguagem digital é o conhecimento da arte digital, portanto, assim como na Abordagem Triangular isoladamente qualquer um dos elementos dessa tríade não corresponde a epistemologia da arte digital.

Agora nós precisamos, poderíamos pensar aqui um pouco o que é cultura digital? Manuel Castells para explicar o que é a cultura digital, traz um exemplo muito interessante, no seu livro *Sociedade em rede*, quando coloca que, quando com a invenção do alfabeto estabeleceu-se a mente alfabética. E ele aborda que essa mente alfabética é um novo estado da mente humana. E se nós pensarmos, por exemplo, esse depoimento que eu faço aqui agora, oralmente, que é um processo de pensar e expressar por meio da minha fala. Se eu fosse colocar isso no papel, colocar então como expressão não oral, mas

como expressão textual, portanto utilizando a minha mente alfabética certamente eu teria uma outra maneira de conceber essa expressão, o meu modo de pensar, de interagir com as palavras, de constituir uma peça expressiva textual. Eu tenho que parar para reorganizar essa fala num outro paradigma, num outro estado da minha mente, a minha mente textual. Nesse mesmo sentido, ele usa esse exemplo, desse novo estado da mente humana que se estabelece com a criação e a utilização da linguagem alfabética com a linguagem digital.

Se nós conversarmos ou nos atermos hoje com as relações da nossa consumação com a música, por exemplo, quando eu estou em sala de aula, eu conversando com os meus alunos, eu que ministro aula hoje para alunos de graduação de música, por exemplo, esses alunos têm uma vivência musical muito forte, os alunos mais jovens, muitas vezes, quando eles vão me contar sobre uma música eles se alicerçam em um clipe, eles não estão percebendo, mas muitas vezes para me contar aquela música, ele não canta a música, ele começa a descrever as imagens daquele clipe. Portanto, a música concebida pela cultura digital em que as pessoas consomem no sentido de que elas, nessa consumação estética deweyniana, em que há uma vivência em que eles experienciam aquela estética musical, eles leem, aquela música é mais imagética, o som é a imagem ou a imagem tem que som? Qual é o som daquela imagem ou que imagem tem aquele som?

Eu tenho notado pela cultura digital como nos adverte Castells, que concordando com Castells quando finaliza que a cultura digital é a interconexão de som imagem e texto. Veja o clipe, ele é mais imagem, ele é mais som, ele é mais texto? Porque essas três relações estão presentes e intrínsecas para a constituição de um produto artístico digital. Percebo também que ao me inferir exclusivamente a um aspecto musical do clipe o jovem, ele não se sente satisfeito, é perceptível como está incompleto o que ele quer dizer, expressar sobre aquele produto clipe. São relações que são ações, são produtos da cultura digital que denunciam a realidade de um novo estado

da mente humana. Como nos adverte Castells, quando fala que a cultura digital pela inter-relação de som, imagem e texto estabelece um novo estado da mente humana que é a mente digital. Essa relação intrínseca de interconexão de som, imagem e texto, cujo meio de expressão vai chamar de metalinguagem. A metalinguagem é a interconexão de som, imagem e texto.

Fica aqui a questão enquanto aspectos intrínsecos da e-arte/educação, que a e-arte/educação lembrando o que nós falamos no começo desse depoimento que é a arte e o seu ensino no contexto da cultura digital, como nós podemos formar o fruidor de arte digital crítico? Para que os nossos alunos e alunas possam fazer as escolhas das suas rotas, das suas cartografias dentro da cultura digital com auto-governança, para que eles não sejam sugados pela cultura, pela indústria cultural massiva que impõe valores, signos, produtos que esses alunos consomem vorazmente e repetem esses produtos de modo acrítico. Resgatando os aspectos conceituais da Abordagem Triangular, que é intrínseca aos aspectos contextuais do Sistema Triangular Digital como já dissemos por ser uma derivação da proposta triangular que veem a arte como cultura expressão, o desenvolvimento da consciência crítica e a experiência consumatória para que ela seja uma vivência singular única que promova o conhecimento ou reconhecimento de um produto com auto-governança, através de uma leitura que está intimamente ligada a cada interpretação, cuja interpretação e leitura está acontecendo de modo contextualizado, contextual pelos diferentes universos que me compõem e que me recompõem que eu posso ressignificar. Então, como promover ações arte/educativas intermediáticas por meio do Sistema Triangular Digital em que o jovem possa desenvolver a sua consciência crítica para reforçar a sua identidade pessoal, dentro de vivências significativas através das nossas ações pedagógicas que promovam esses questionamentos e que coloque o jovem no universo, que recoloca o jovem no universo da cultura digital em que ele está imerso para que ele possa ressignificar valores autonomamente.

Não é censurar o que ele consome, não é ignorar o que ele consome, mas sim como nos apropriarmos do universo que ele tem para que possamos dar a ele subsídios para que ele ressignifique, faça as suas escolhas e faça seus recortes, para que ele tenha autonomia na sua cartografia dentro das relações que ele recorta interativamente no universo digital.

Agora, nós professores sabemos o que se consome, o que se tem na cultura digital? Utilizamos a cultura digital que os nossos jovens trazem dentro de sala de aula? Vejam, é muito interessante pensarmos em um dos aspectos riquíssimos que Manuel Castells traz para o conceito da cultura digital e que é um conceito tão empírico, tão material da cultura digital. Quando ele menciona que a cultura digital agrega todas as culturas: a cultura erudita, a cultura popular, todas as culturas estão inter-relacionadas, elas estão ali disponibilizadas e dispostas para as inter-relações, as interconexões, as in-contextualizações que poderão ser vivenciadas, reorganizadas, reinterpretadas por meio das trajetórias das rotas de navegabilidade que se constitui no ato da consumação estética da cultura digital.

Há que se entender, há que se questionar, há que se exercer enquanto educadores no universo da cultura digital o equívoco da sociedade da informação, porque compreendo que a sociedade da informação é uma sociedade muito pobre, porque ter a informação à disposição não é a plenitude do ato formador com o outro. A importância, como nós sempre observamos, nós precisamos promover ações em que os nossos alunos transformem informação em conhecimento.

Para conhecer aquela informação, ele precisa ter a capacidade de reconhecer o que aquilo é e que importância aquilo tem, qual é a relação que aquela informação se traz, se forma ou pode ser promovida pelo próprio educando no ato de conhecer, de reconhecer ou não, de descartar aquela informação para conhecimento ou não. Como ele vai, a ação pedagógica, que ações pedagógicas, como vamos utilizar o Sistema Triangular Digital sobre os auspícios da Aborda-

gem Triangular como ação que pode formar a auto-governança pelo conhecimento real e não a informação equivocada e muitas vezes repetida na automação da pessoa por um estado de consciência ingênua, intransitiva como nos adverte o Paulo Freire e não saber o que é aquilo, mas por consumir na automação da indústria cultural para que eu simplesmente esteja sendo aceita pelos meus colegas. Eu não sei o que é aquilo, mas eu sei que todos consomem então, portanto, consumirei também para ser aceito. Essa é uma situação muito presente na vida dos jovens, dos nossos alunos e nossas alunas e que no meu entendimento cabe uma ação ética educativa que possa promover o desenvolvimento dessa consciência da intransitividade, da transitividade ingênua como nos adverte o Paulo Freire pelo ato educativo para a promoção da consciência crítica para que os nossos jovens não sejam sugados como estão sendo pela cultura digital em que eles reproduzem automaticamente determinados parâmetros, paradigmas, eles reproduzem modelos, tornando-se o modelo daquilo que eles copiam sem saber o que são.

Fica aqui esse depoimento colocando como questão para você, aluno, que está aqui com nosso curso de especialização que, seja de qual área for, do ensino, da matemática, do português, das biológicas, enfim, como podemos utilizar a cultura digital que os nossos jovens, nossos alunos e alunas trazem à sala de aula que estão disponíveis na internet, na cibercultura, no bluetooth, enfim em todos, no WhatsApp, no Facebook, enfim, em todos os meios de comunicação interligados presentes na internet para que, como nós podemos nos apropriar enquanto educadores para relacionar, primeiro concebermos o que está lá como conteúdo e esse conteúdo como podemos promover ações questionadoras e indagativas para que os nossos alunos possam ressignificá-las desde o seu universo digital, por meio do Sistema Triangular Digital.

Como você professor, como você professora faria uma intervenção e-arte/educativa através da sua formação, da sua área, para que

você territorialize o território de conhecimento que você quer colocar em questão, ou seja, em formação, relacionando com os territórios que estão disponíveis na internet por meio de ações que você coloque estes jovens enquanto pesquisadores, investigadores, para processo, no processo, com o processo, através do processo da formação pessoal. Sendo que o professor sai de uma posição de transmissor de informações e vai estar colaborando, coordenando esse processo pessoal que o aluno irá percorrer. Como professor, como professora você promoveria essa ação? Como você registraria para essa disciplina, para nos mostrar esse processo, para nos demonstrar esse processo no seu ato pedagógico criador, no seu ato pedagógico formador. Na formação humana dos seus alunos, das suas alunas, para que se tornem mais críticos, mais auto-governativos do universo em que eles estão inseridos na cultura digital.

Eu fiz algumas entrevistas com alguns alunos da UFG na biblioteca onde eu estava. Vou deixar essas entrevistas para que vocês assistam e que vocês, por meio dessas entrevistas, cada um de vocês, professores e professoras, possam então refletir assim como eu refleti em que universos os nossos alunos estão, como utilizar a cultura digital como meio intermediador no processo da aprendizagem da arte e seu ensino em promoção de territórios que se interterritorializam nas diferentes áreas de conhecimento do ensino.

Muito obrigada, espero que esse conteúdo reflexivo, indagativo que eu promovi possa trazer relações indagativas, questionadoras e desafiadoras para vocês como para mim são todos os dias. Obrigada e até mais.



NILCÉIA DA SILVEIRA
PROTÁSIO CAMPOS¹

1. Doutora em Educação e professora adjunta da Universidade Federal de Goiás.

Inclusão da cultura digital juvenil na e-Arte/Educação

O meu nome é Nilceia Protásio, sou professora do curso de música e artes cênicas da Universidade Federal de Goiás e a minha formação inicial é em música. Eu tenho bacharelado em piano e fiz mestrado e doutorado em educação. Essa articulação que consegui fazer entre música e educação me deu um olhar diferenciado para a música nos diferentes contextos. Propriamente para o ensino de música, olho de maneira mais clara e ao ver as transformações nas formas de se apropriar da música, nas formas de aprender música, dos novos hábitos musicais que estão se criando na atualidade, eu tenho algumas questões, algumas inquietações e creio que essas inquietações são de todos nós.

Essa disciplina voltada para a cultura digital juvenil é muito apropriada, sobretudo, no contexto universitário. Eu convivo com jovens, com juventude no dia a dia, a minha vida particular também tem uma proximidade grande com os jovens por ter duas filhas jovens. Então, por eu ser de outra geração eu vivencio dia a dia esse descompasso que muitas vezes é percebido por todos nós entre a juventude e entre as gerações anteriores.

Alguns estudiosos tem se dedicado ao estudo dessas transformações sociais e, sobretudo nas comunicações nas tecnologias da informação, e, acredito que o professor em sala de aula vivencia a cada momento essas transformações. O que é muito comum a gente ver hoje: ninguém vive mais sem seus aparelhos celulares e compartilho com alguns colegas esse desconforto muitas vezes de estar em sala de aula e o aluno estar com o seu aparelho celular, e durante a aula ele toma a liberdade de mandar suas mensagens, enfim, ao mesmo tempo que ele está conectado ali, ele olha para o professor e tenta atender as duas demandas.

E, naquele momento, nós nos perguntamos enquanto professores: será possível alguém conseguir prestar atenção em duas coisas diferentes? E para a minha geração de professores isso causa uma certa inquietação no momento que nós vemos na atualidade jovens com os seus hábitos de comunicação, o que muitas vezes para alguns isso compromete a atenção e o nível de comprometimento desses jovens com a educação, com aquela disciplina que está sendo ministrada.

Creio que com essas reflexões iniciais nós podemos nos dar conta, mais uma vez, do quanto o mundo tem se transformado e as relações com o conhecimento e com a relação professor-aluno tem se modificado.

O outro aspecto interessante também, além, já que estamos no contexto de sala de aula, no contexto da metodologia do ensino superior que é um dos focos desta disciplina e, portanto é oportuno pensar no que se refere à apropriação também das formas de corresponder às expectativas do professor ou as demandas daquela disciplina. Então, o que nós temos visto no dia a dia de sala de aula e no contexto do ensino superior são esses comportamentos que nos fazem pensar o que é essa cultura digital juvenil, como esses jovens têm se relacionado, como eles têm se comunicado, como eles têm se expressado. Dessa forma, com essas questões iniciais eu pretendo abordar alguns aspectos referentes à cultura digital juvenil.

No âmbito da educação musical, há uma pesquisa feita por Helena Silva (2008), e ela pesquisa entre a juventude como os jovens se apropriam das músicas que ouvem, o que eles pensam sobre essa música e como eles usufruem dessa música. Eu tomo a liberdade de ler um trequinho e gostaria que vocês acompanhassem o diálogo. Foi uma pesquisa de campo, então ela entrevistou alguns jovens e esses jovens vão dizer para nós como é a experiência deles com relação à audição musical, como eles ouvem as suas músicas. Assim, a pesquisadora pergunta para um grupo de jovens:

Helena: *Esse tipo de música [heavy metal] tem que se ouvir muito alto?*

Priscila: *Ah, eu ponho no máximo! (risos)*

Paola: *É legal [heavy metal] porque todo mundo escuta as músicas que tu tá ouvindo” (risos)*

Mana: *Eu coloquei na janela do meu quarto [o aparelho de som] e até o vizinho se incomoda porque ele diz que tem muito barulho, não sei o quê...*

Paola: *É. Vem reclamar.*

Helena: *Quem?*

Mana: *Meu vizinho! Bah, ele tem 40 anos e agora tá incomodando! [...] Daí, esses dias ele colocou uma rádio dele, ligou e olhava pra mim! Um velho! (risos) Olha só! É um velho, aí eu pensei? “Tá, tudo bem”. Daí, daqui um pouco, eu fui lá, coloquei o meu rádio e liguei a todo volume, coloquei um CD tri louco lá, nem sei que música é aquela lá, trouxe lá do Rio de Janeiro. Coloquei, bah! As músicas “Tum-tch, tum-tch [imitando batida dance], sacudia toda a casa, né? Daí, ele bem assim, ele me olhou e disse assim: “ai, que barulheira, não sei o quê”. Aí eu disse: “é muito tri, é muito tri este CD”. E o véio ficou louco! (risos). (SILVA, 2008, p. 42-43)*

O que é que a gente pode observar com essa narrativa: é muito interessante porque é de cara que a gente percebe que uma pessoa de 40 anos já é um “véio”, já é um senhor, quer dizer já se mostra evidente um conflito de gerações. Para essa juventude, para esses

jovens que participaram da pesquisa, essa experiência de se fazer ouvir, de colocar o som em alto e bom tom, incomoda as pessoas e não tem razão de incomodar. Porque na perspectiva delas, o quê que acontece? Eu quero ouvir a minha música porque eu tenho a minha música, estou no meu direito de ouvir a minha música, e ninguém tem direito de se incomodar. E os incomodados aí, no caso, seriam pessoas, representado por esse vizinho, que é apenas uma história, um recorte aí, mas que poderia representar toda uma geração. E, ao mesmo tempo, nós percebemos então que há esse diferenciamento, essa diferenciação de tratamento com a própria música, a apreciação musical. Porque aí, o bom da juventude é ouvir no máximo. E por na janela, quer dizer, de preferência projetar essa sonoridade, projetar esse som para que outros também ouçam sem ficarem incomodados. E a outra questão que eu acho importante ressaltar que também alguns educadores vão nos fazer pensar é com relação à importância que eu tenho de imprimir para os outros a minha personalidade, a minha identidade.

Gimeno Sacristán (2002), um dos autores que nos utilizamos para subsidiar o nosso texto, em sua obra *Educar e conviver na cultura global*, nos chama a atenção dentre outros aspectos sobre a necessidade que temos enquanto seres humanos de sermos aceitos. Nos diferentes grupos, nos diferentes contextos, a necessidade que temos de imprimirmos a nossa identidade, a nossa personalidade nos lugares que frequentamos, e neste momento ele vai dizer que, não especialmente sobre a cultura juvenil, mas nós podemos aplicar perfeitamente na cultura juvenil, essa necessidade que o jovem tem de se mostrar importante, de mostrar o que ele pensa, como se veste, como se comporta.

Todo esse conjunto de valores que todo indivíduo tem. O jovem revela isso a todo o momento, e nós podemos ver isso no depoimento que nós acabamos de ouvir, da pesquisadora que foi atrás de como os jovens pensam e se apropriam da música que ouvem e na continuidade da sua pesquisa ela faz uma pergunta também:

Como é para o jovem ouvir a música no aparelho de som e ouvir no walkman, ou seja, ouvir com fone de ouvido. Nós vamos ver também um trechinho do que esses jovens respondem com base nesse aspecto. Então o diálogo segue da seguinte forma:

Camila: *Ah, é totalmente diferente! (aí outra colega)*

Daniela: *É que tu bota no ouvido, tu só escuta aquela música... (aí outra colega)*

Camila: *Eu gosto quando parece que tá tremendo...*

Scheik: *É! O grave!*

PQNO: *Quando eu tô em casa, eu escancaro! Os vizinhos me xingam, mas eu escancaro! (aí outra colega)*

Scheik: *Eu acho legal quando tem um grave, um forte. Eu gosto de sentir no peito assim [bate no peito com o punho cerrado].*

PQNO: *No carro eu gosto quando eu escancaro e fica só "tum-tum-tum".*

Scheik: *O grave, meu!*

PQNO: *Sei lá "tum-tum-tum" (e acha graça, né).*

Camila: *É também um problema do headphone... [que problema que seria, né]*

Daniela: *É que as pessoas estão falando e tu, "hãnn?". (SILVA, 2008, p. 44-45).*

Desse modo, é interessante observar que no caso da música, tão presente na vida dos jovens, muitas vezes a emoção o sentir a música passa pelo sensorial, passa pelo corpo e, de repente, o interessante, o agradável, o gostoso é ouvir a música no mais alto som já que a tecnologia nos permite isso. Então, a tecnologia me permite porque eu coloco o meu fone de ouvido e eu escuto a música, como esses jovens bem relataram, vibrando no meu corpo e isso me gera um prazer enorme. E está também presente na fala um fenômeno que aconteceu no final da década de setenta, no início da década de 1980 com a criação do walkman, ou seja, houve a possibilidade, que até então não existia de

ouvir a minha própria música sem incomodar o outro. Ou seja, eu ponho o meu fone de ouvido, ninguém sabe o que eu estou ouvindo, eu continuo usufruindo dessa música que eu quero usufruir naquele momento e o outro não tem conhecimento, ou seja, eu não incomodo o outro.

E, a partir daí, também o que vem em decorrência disso não é só uma forma de ouvir a música, mas uma forma de viver, porque a partir do momento que eu me permito colocar um fone e me isolar do mundo, porque na medida em que eu tomo a liberdade de determinar o momento colocar um fone e ouvir a minha música, naquele momento eu estou me isolando do meu contexto, da minha realidade.

Juarez Dayrell (2005) tem alguns estudos sobre a escola e analisa a escola como espaço sócio-cultural. Em uma das suas pesquisas ele focou o rap e o funk, gêneros da periferia de Belo Horizonte, que foi o campo que ele decidiu pesquisar. E ao analisar esses gêneros no meio desses jovens ele percebeu os motivos que levam esses jovens a desenvolver um gosto por esse tipo de música. Porque muitas vezes nós temos um certo preconceito contra alguns gêneros, porque nós desconsideramos que jovens são esses que preferem esses gêneros. Esses jovens revelam na pesquisa, dentre outras coisas, uma afinidade muito grande com esses gêneros porque esses gêneros, tanto funk quanto rap, expressam aquilo que eles gostariam de expressar na realidade que eles estão. Que realidade que eles estão? Muitas vezes uma realidade com condições precárias, com uma vida financeira difícil e que sofrem alguns preconceitos, inclusive, por causa disso.

Então esses jovens veem nesses gêneros musicais uma maneira de se expressar própria, ou seja, uma linguagem que diz muito respeito ao que eles sentem e ao que eles vivem. Diante disso, o autor, em um dos trechos da sua obra, vai nos dizer o seguinte:

Ao narrar o cotidiano da periferia e seus problemas numa poesia clara e direta, os jovens passam a se identificar, vendo nelas uma forma

de elaborar as próprias experiências vividas. Alguns deles se sentiram estimulados e descobriram seu potencial de escrever “rimas”, desenvolvendo por meio delas uma interpretação poética da própria condição em que viviam. (DAYRELL, 2005, p. 96).

Seguindo nessa vertente, uma pesquisa realizada por Cunha nos trouxe também um dado interessante que atualmente cerca de 50% dos jovens ouvem música pela internet. Isso é um fato que nos faz pensar que a música não é apenas ouvida como música, como única linguagem artística porque a música na internet está articulada, está associada na maioria das vezes com vídeo. Seja no youtube ou outra fonte, mas o que a gente percebe é que os vídeos clipes têm se tornado uma prática. Usufruir dos vídeos clipes, apreciar vídeos clipes é uma prática muito comum no meio da juventude. Dessa maneira, a pesquisadora Cunha, dentre os dados que ela coleta, faz uma pesquisa entre alunos acadêmicos de um curso de música, e pergunta a esses acadêmicos o que eles veem em termos de música de cenação, de parte de cenário, cênica no vídeo clipe e o que eles podem dizer com base num vídeo. Ela passa um vídeo clipe específico que é o da Lady Gaga, que foi dentre o levantamento que foi feito em 2013, o vídeo mais assistido, ela pegou esse vídeo e foi perguntar aos jovens o que eles acharam desses vídeos e eu gostaria que a gente refletisse um pouquinho, com base numa resposta de um dos participantes da pesquisa. Então, um dos relatos diz assim:

Uma música que observando o que diz respeito à complexidade sonora, ela é muito simples e pobre, porém ao olharmos o clipe percebemos que ele é repleto de simbologias e mistérios, além de uma forte produção artística e grande investimento no clipe. Não podemos deixar de comentar o sucesso desta música, por mais que uma pessoa não tenha parado para ouvir essa música, dificilmente ela nunca tenha ouvido trecho qualquer da mesma. O vídeo tem hoje mais de 453

milhões de acessos. Na primeira vez que vimos a letra da música, pensamos que se tratava de uma mulher que estava apaixonada por um homem e que por mais sofrido que fosse, ela queria viver esse “romance ruim” com ele, nos pareceu uma mulher submissa, já que esse homem transmite uma imagem de poder. Porém, após revermos o clipe e analisarmos alguns pontos chegamos a uma ideia diferente do que está querendo ser mostrado por ela, pois percebemos que há uma grande diferença entre apenas ouvir a música assistir ao clipe. Não estamos aqui dizendo que este seja o real significado da música, mas podemos pensar que apesar desta música fazer tanto sucesso e seu clipe ser tão visto: Quantas pessoas pararam para analisar o que esta música diz?” (Apud CUNHA, 2013, p. 5).

Dessa feita, o que a gente percebe com esse depoimento e algumas ligações que nós podemos fazer, é que; ao ouvir a música assistindo a um clipe a nossa atenção é pulverizada, é dividida.

Pérez Gómez (2001) nos chama a atenção dentro desse contexto, que é da hiper estimulação que nós estamos sofrendo no dia a dia. O que quer dizer isso: nós estamos sobrecarregados com tanta informação. Segundo ele, o ouvinte, o espectador não consegue captar o excesso de informações; em uma hora ou outra alguma linguagem vai ficar mais evidente, em uma hora ou outra eu vou perder algumas informações que me são dadas.

Ele vai afirmar que esse acesso, que essa hiper estimulação prejudicam a nossa aprendizagem, prejudicam a nossa apreensão da realidade. Nesse contexto, eu posso ver isso de maneira muito presente quando a gente vai para a escola novamente, vai para o contexto escolar, quando nós assistimos as apresentações musicais presentes na escola, quer seja numa festa do dia das mães, festa do final de ano onde a professora de música reúne lá o coro de crianças ou para dramatizar alguma peça. Estamos no âmbito artístico, e o que nós vemos é uma preocupação com o espetáculo porque tudo

virou espetáculo, perdeu essa singeleza e espontaneidade das coisas, tanto que uma das coisas que nos preocupa é que as pessoas estão sem voz. Hoje, por conta da tecnologia, está ficando mais fácil colocar o *playback*, está ficando mais fácil colocar uma gravação e colocar as crianças para dublar do que ensaiar esse grupo de crianças a poder cantar.

Diante disso, como educadores, como pessoas que lidamos com educação no âmbito universitário ou em outro contexto, nós podemos levantar algumas questões:

- Mas como fica a escola brasileira, tão precária em sua infraestrutura e com uma pedagogia considerada tão “caduca”, para lidar com tantos avanços?

- Com base em que limites e possibilidades o campo de atuação do professor pode ser delimitado?

- É realmente essencial que o professor tenha domínio dos recursos tecnológicos para que atue de forma eficaz?

Juarez Dayrell (2005), que foi o pesquisador do gênero rap e funk na periferia de Belo Horizonte, tem uma obra anterior a essa pesquisa que é onde ele analisa a escola como espaço sócio-cultural e ele levanta muitas questões pertinentes e interessantes nesse livro e uma das questões seriam essas: *Quem são os nossos alunos? De onde eles vêm? Que expectativa eles tem?* O que parece perguntas muito óbvias para um professor, mas o que nós podemos ver é diante de tantas queixas dos alunos ao dizer que os seus professores não os compreendem, que os seus professores estão vivendo uma realidade que não é a realidade atual, que os professores são de outra geração, estão em outros tempos, não assimilam as transformações atuais. e então, diante das perguntas de Dayrell é interessante nós nos atentarmos para as necessidades dos nossos alunos, para o mundo deles, que expectativa eles têm ao entrar na sala de aula com relação àquela disciplina.

Rubem Alves nos conta uma história interessante que nos faz pensar sobre isso. A história diz assim:

O navegador voltou de suas viagens trazendo nas mãos os mapas que desenhara nos mares onde navegara. Mapas são metáforas do mundo dos saberes. São úteis. Neles encontramos as rotas a serem seguidas, caso se deseje. Chegam os alunos. Desejam aprender os mares do mundo. O professor lhes mostra os seus mapas e fala sobre aquilo que sabe. Os alunos aprendem. Mas, de repente, um aluno inquieto aponta para um vazio indefinido, sem contornos, no mapa.

- Qual é o nome daquele mar? – ele pergunta. O professor responde:
 - O nome daquele mar eu não sei. Nunca fui lá. Não o naveguei. Não o conheço. Por isso, nada tenho a dizer. É mar desconhecido, por navegar. Mas, com o que sei sobre os outros mares, vou lhes ensinar a se aventurar por mares desconhecidos: essa é a aventura suprema. Para isso nascemos... (ALVES, 2011, p. 53).

Nós não podemos pensar que o professor por ele não ter determinadas vivências ele não da conta de responder a algumas questões. O professor com a capacidade que tem, com a vivência que ele tem, e é isso que o texto também nos traz, ele consegue fazer uma articulação mínima para que o aluno também com a cultura que tem, com as experiências que tem, também consiga fazer as conexões necessárias pra que possa gerar o conhecimento. Assim, isso nos faz questionar alguns aspectos referentes à aprendizagem e ao conhecimento. Nós gostaríamos de pensar então:

1. Até que ponto a utilização de recursos tecnológicos pode interferir na aprendizagem e na aquisição de conhecimentos no contexto da escola?

2. Até que ponto esses recursos tornam-se um fator motivacional?

3. Como articular os conteúdos de arte na educação escolar com a “bagagem cultural” dos jovens estudantes, bagagem esta permeada pelas mídias e pelas tecnologias digitais?

Durante muito tempo acreditou-se no que a escola necessitaria para ser uma escola do tempo atual, ela necessitaria ter um laboratório de in-

formática, ela precisaria instrumentalizar-se da melhor forma para que o aluno não sentisse esse distanciamento entre a sua realidade fora da escola e a sua realidade escolar. E, muitas questões foram surgindo a partir daí, porque se percebeu com as experiências que não bastava munir a escola de computadores, munir a escola das chamadas novas tecnologias que era a nomenclatura utilizada na época; quando surgiu as novas tecnologias da informação e da comunicação, percebeu-se que isso não era suficiente porque mesmo algumas escolas tendo computadores ou uma sala própria para acesso à internet, não garantiria a motivação do aluno, não garantiria a aprendizagem do aluno, porque muitas vezes superestimou-se o equipamento; confiou-se demasiadamente na máquina e aí tem a historinha da centopeia também contada por, ou lembrada, porque essa história, na verdade, vêm de longa data. Rubem Alves em seu livro também nos lembra dessa história da centopeia que é muito pertinente neste contexto, porque a centopeia nunca tinha pensado até então é como ela andava e o gafanhoto um dia perguntou para a centopeia como que ela se virava com cem pernas.

Como que ela fazia para administrar o movimento das cem pernas e sair do lugar e a centopeia respondeu para o gafanhoto:

- Eu nunca tinha pensado nisso. Eu vou pensar a partir de agora.

E diz a história que a centopeia começou a se movimentar e pensar como ela articulava cem pernas para ela responder para o gafanhoto que perna que iria primeiro. Enfim, o final da história é que a centopeia não deu conta mais de andar. A partir do momento que ela tentou passar para o racional aquilo que para ela era tão natural, era tão intuitivo, ela travou.

Diante do exposto, uma das questões que a gente pode levantar dessa história é até que ponto o excesso de informações nos ajuda, até que ponto a informação pode nos atrapalhar em determinado momento.

Isso nos faz pensar em voltarmos para o campo das artes, quer dizer, a arte ela é essencialmente humana. Se nós confiarmos demasiadamente na máquina, no computador para nos manifestarmos

artisticamente, nós podemos perder o essencial. O essencial é o que sentimos, é o que pensamos, é o que percebemos no nosso íntimo, nas nossas emoções, e a máquina não pode nos tirar isso. Então, uma coisa para se pensar quando nós pensamos em arte e educação no contexto da escola que é o nosso foco nessa última discussão, é pensar, até que ponto nós precisamos mesmo de tantos equipamentos pra aprendermos determinadas coisas. Será que não é apenas um aparato pra mostrar que estamos andando de acordo com o tempo que não estamos ficando defasados porque se pensarmos bem a arte foi ensinada durante séculos sem equipamento nenhum. E é interessante observar que a geração de agora é a geração que não abre mão desses equipamentos e que muitas vezes tem dificuldade de se expressar de outra forma. E então, porque não fazer um desafio contrário, fazer um desafio de nos abstermos de tirar de diante de nós todo e qualquer equipamento para buscarmos dentro de nós mesmos o que é essencialmente humano, assim poderíamos terminar com algumas questões pertinentes também a esse assunto. Algumas questões nesse aspecto:

1. Mas como conciliar a cultura digital juvenil com a dimensão artística e estética da arte?

2. Como educar para a sensibilidade, considerando a dependência homem-máquina e os modelos de expressão que se instauram a partir da cultura digital?

3. O que o professor e a escola precisam transpor para não segregarem a cultura digital juvenil, para desenvolver uma postura crítica e questionadora no estudante de forma que ele consiga articular os saberes da cultura digital com os saberes advindos da experiência da criação e apreciação artística?

Creio que nós estamos diante de um convite, que podemos dizer interativo, para não cairmos na armadilha da passividade, do simples espectador, que não interage que não se sente com a capacidade expressiva, criativa, artística presente em todo ser humano. Creio que abordar sobre a cultura digital juvenil é pensar na nossa própria

história de vida, independente do contexto em que nascemos, em que vivemos são transformações presentes na sociedade atual que nos afetam diretamente, independente de sermos professores ou não como indivíduos que somos, que vivemos socialmente, nós precisamos refletir sobre essas transformações.

Referências

ALVES, Rubem. *Variações sobre o prazer*: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. 5ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena*: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

GIMENO SACRISTÁN, J. *Educar e conviver na cultura global*: as exigências da cidadania. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PÉREZ-GÓMEZ, Angel Ignacio. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed, 2001.



FERNANDA PEREIRA DA CUNHA¹
FERNANDO ANTÔNIO GONÇALVES DE AZEVEDO²
IOLENE MESQUITA LOBATO³
NILCÉIA DA SILVEIRA PROTÁSIO CAMPOS⁴

1. Doutora em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Professora Associada da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG).

2. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco-Campus Agreste.

3. Mestre em Antropologia Social (UFG). Professora no Curso Superior de Tecnologia em Produção Cênica no ITEGO em Artes Basileu França.

4. Doutora em Educação e professora adjunta da Universidade Federal de Goiás.

Seminário Intermediático Digital

A disciplina Seminário Intermediático Digital foi articulada pelas Vivências pela Rede, no total de três, realizadas pelo Curso Arte/Educação Intermediática Digital, via webconferência, no período de setembro a novembro de 2014.

Vivência pela Rede foi um momento de debate reflexivo on-line com professores autores e/ou convidados, cuja finalidade foi potencializar e dialogar com as diferentes linguagens artísticas (música, artes cênicas, artes visuais e outras), pela metalinguagem/cultura digital.

No total, três professores autores fomentaram as discussões: Prof. Dr. Fernando Azevedo, Prof^a. Dra. Fernanda Pereira da Cunha e Prof^a. Dra. Nilcéia Protásio.

Webconferência - Vivência pela rede I

Professora Iolene Lobato:

Olá! Sejam bem-vindos à primeira Vivência pela Rede do curso Arte/Educação Intermediática Digital. Cumprimento o professor Fernando

Azevedo, da Universidade de São Paulo (USP), que vai nos acompanhar como convidado. Cumprimento a mesa, professora Fernanda Cunha, coordenadora do curso que vai presidir a reunião de hoje, professores formadores, professor Hailton, professora Lilian e os alunos que já estão on-line, sejam bem-vindos.

Bom, o que é a Vivência pela Rede? Vivência pela rede é um momento de debate reflexivo on-line com professores convidados, no nosso caso, na aula de hoje, o professor Fernando Azevedo, da USP.

A finalidade da Vivência pela Rede é potencializar a disciplina anterior Fundamentos da Arte/Educação, lembrando que essa atividade contempla também a última disciplina do Módulo I do Seminário Intermediático Digital.

Vale lembrar, ainda, que os alunos poderão participar da Vivência pela Rede em dois formatos: *on-line*, onde poderão encaminhar questões, proposições investigativas sobre fundamentos da rede e o professor Fernando Azevedo vai conduzir essas discussões; e o aluno que participar *off-line* também encaminhou pelo ambiente moodle e, posteriormente, serão discutidas.

Passo a palavra para a professora Fernanda, que vai conduzir a Vivência pela Rede.

Professora Fernanda:

Olá a todos. Quero agradecer a presença do professor Fernando Azevedo. Quero agradecer a especial atenção, colaboração e parceria da professora Iolene Lobato, a presença dos formadores Hailton Lemos e Lilian Laurência. Eu gostaria, inicialmente, de solicitar que, daqui a pouquinho, o professor Fernando fale sobre a sua formação, porque, como a professora Iolene Lobato o apresentou como da USP e o professor Fernando tem a formação em vários segmentos na Arte/educação, mas aí você explica isso tudo, né Fernando?

Esse encontro, que estamos chamando de Vivência pela Rede, tem como objetivo essa aproximação, um diálogo com o professor

autor. O caso dessa disciplina em questão, que vocês fizeram a vivência que ela finalizou, não é isso? Quem fez o depoimento provocativo foi o professor Fernando Azevedo.

Vocês vivenciaram o depoimento do professor Fernando Azevedo em diferentes paradigmas, primeiro com a leitura analítica, depois tiveram um momento de reflexão, fazendo uma proposição pela web, intermediática, audiovisual em que vocês vão expondo as relações, as conexões de vocês para com esse texto. Quer dizer, o que desse depoimento, nas leituras que vocês fizeram, ficou de mais significativo, provocativo e também o que ficou em questão de dúvidas ou outras questões que vão sendo desdobradas, que talvez antes da leitura do texto vocês tinham alguma questão ou potencializou ainda mais a questão.

E ainda, nós pedimos que vocês levem para a sala de aula, para seu intento pedagógico, essas relações pessoais, as vivências e os textos que forem significativos. E ainda, como vocês promoveriam uma vivência com os seus alunos, por meio das indagações, das provocações que o texto tenha promovido com vocês.

Por fim, o que pretendemos agora, então, que nesse presencial pela rede com o professor Fernando Azevedo vocês possam colocar essas relações em forma de pergunta, essas vivências de cada um de vocês, o que vocês perguntariam, questionariam, ressaltariam para trazer a resposta, a reflexão, a análise, o questionamento, o posicionamento do professor.

Caso vocês queiram, nós também podemos fazer algumas intervenções, mas no momento aqui é que vocês tenham essa aproximação, essa Vivência pela Rede com a vivência de vocês através do que o professor Fernando Azevedo possa elucidar ou aprofundar ainda mais com vocês. Passo a palavra para o professor Fernando Azevedo.

Professor Fernando Azevedo:

Eu quero iniciar dizendo que a paixão pela história da educação nasceu exatamente conhecendo primeiro o pensamento de Ana Mae,

como teórica, depois a pessoa Ana Mae, porque ela é uma educadora que não separa o eu pessoal do eu profissional. Então, por exemplo, apesar de eu conhecer dona Noêmia Varela desde criança, foi Ana Mae que me ensinou a importância de dona Noêmia Varela e de Paulo Freire na história da arte/educação brasileira.

É importante a gente dizer isso porque estudar história e fazer história sem filiações é impossível. A gente faz história exatamente porque nos apaixonamos e porque estabelecemos filiações e ações que são teóricas. A partir daí, eu gostaria de saber um pouco das pessoas, detalhes do texto, do vídeo, do texto que eu propus para que lessem, que observações têm a fazer. Vamos abrir o diálogo a partir dessas questões.

Questões encaminhadas pelos alunos on-line:

Maria Izabel César Lemos Rocha (aluna):

Ana Mae Barbosa, no texto "Arte-Educação Pós-Colonialismo no Brasil", fala das fundamentais necessidades educacionais em nosso País. Como levar a grande maioria dos educadores, que muitas vezes prezam pela alfabetização "letral", a ir além dela, buscando a alfabetização emocional, política, cívica e visual de seus alunos?

Professor Fernando Azevedo:

Bem interessante essa pergunta, exatamente porque uma das características do pensamento da professora Ana Mae Barbosa é exatamente a questão pós-colonial. Ela é uma das poucas teóricas da época que enfrenta a questão do povo colonizado.

Nós aprendemos dos nossos colonizadores a desprezar a nossa cultura popular, então, realmente é um desafio muito grande trabalhar numa perspectiva pós-colonial na escola como um todo sem uma política de democratização dos espaços sagrados da arte. Por exemplo, a maioria dos museus sinaliza uma atitude não de acolhimento do educador, nem das classes populares, nem dos nossos

estudantes. É um desafio muito grande para os educadores brasileiros levar a arte para a escola sem menosprezar a cultura popular, a arte popular, mas também levar aquilo que há de mais interessante das culturas eruditas e trabalhar aí esse diálogo entre cultura popular e cultura erudita. É necessariamente enfrentar conflitos, e conflitos sérios porque os nossos espaços culturais, como os nossos museus, são muito mais excludentes do que inclusivos.

Rafael Rodrigues de Sousa (aluno):

No Brasil, atualmente, quais são as principais formas de intervenção de arte/educação nas escolas, digo, como são feitas ou propostas as formações de professores para arte/educação e se há resultados significativos, pois o que percebemos na realidade é que ainda esse ensino continua, em muitos lugares, estagnado nas escolas. Como pode ser resolvido no seu ponto de vista?

Professor Fernando Azevedo:

Muito boa a pergunta também, bem interessante. Olha, de certa maneira, essa pergunta tem a ver com a anterior na medida em que a característica pós-colonial da Abordagem Triangular, por exemplo, como síntese do pensamento da professora Ana Mae, é uma maneira da gente pensar o contrário. O que é o contrário da colonização? O processo de democratização. Então, o papel da escola, o nosso papel é um papel político de tentar democratizar levando tanto o estudante para os espaços considerados sagrados, tentando desacralizá-los, quanto à possibilidade de levar a imagem através do vídeo, enfim, dessas novas tecnologias, por exemplo. Outro dia, agora nas férias, eu fui à Inhotim, que é o Museu de Arte Contemporânea e Botânica numa cidadezinha perto de Belo Horizonte, belíssimo, com um acervo maravilhoso de arte contemporânea e tentei fotografar para levar para os meus alunos. Quando eu voltei, fui mostrando e foi muito interessante perceber que meus alunos do interior de Pernambuco conheciam Inhotim através da

internet. Então, eles me deram até uma lição bem importante, o fato de estar distante dos grandes centros não impede hoje, por exemplo, de ter acesso a esses espaços.

Inimilton Sobral (aluno):

Como fazer para conciliar as artes, quer dizer, artes digitais de forma a atrair os nossos alunos a se apaixonarem pela arte educação?

Professor Fernando Azevedo:

É uma pergunta também bastante interessante e muito desafiadora porque a metodologia, o como fazer, a prática é de cada professor, é de cada educador de acordo com os desafios que aquela turma provoca. Então, é muito difícil a gente dizer qual o melhor método. O que eu posso dizer é que compreender a Abordagem Triangular como uma teoria de interpretação do universo das artes e culturas digitais é importante e nesse sentido dar atenção ao que os estudantes consideram na cultura visual deles, porque se nós consideramos que é ruim, tudo bem, a gente tem esse direito, mas não temos o direito de desqualificar o seu modo de ver, o que ele tem acesso. Então, talvez aí, eu digo talvez, o que nós temos que fazer é oferecer boas imagens, oferecer algo que nos apaixona, que quando nós apresentamos para eles expressemos essa paixão e talvez aí algo aconteça.

Mas não tem uma mágica, não tem um método que diga assim, olha, esse vai dar certo e vai caber com todo mundo não. Cada nova turma, cada novo dia que a gente entra na sala de aula são novos desafios. É muito difícil, essa pergunta é difícilíssima, ela é um poço sem fundo, a gente vai até estacionar, vai parar se a gente permanecer nela. É ir tentando de um jeito, de outro. Talvez, interessante seja se colocar em uma postura de diálogo com o estudante não para se colocar no lugar dele, mas para tentar compreender o seu lugar no mundo e também se colocar como alguém que pensa a arte que tem suas próprias concepções, seu próprio gostar, mas que esse não é mais certo do que o do

outro, é apenas o meu. Então, é difícil falar de um método que venha e dê certo. Vai ser sempre um grande desafio.

Simone Ferreira da Silva (aluna):

Os educadores devem estar aptos e preparados emocionalmente para estimular a imaginação de seus alunos e resgatar o que eles têm de melhor. Porém, a educação no Brasil está tão atrelada ao ensino formal, então, como podemos transformar o espaço escolar para um saber pleno e satisfatório?

Professor Fernando Azevedo:

É interessante porque percebam que as perguntas vêm todas do sentido da luta do educador, da luta do arte/educador no seu trabalho cotidiano. Novamente está aí uma questão séria, e por mais que eu diga olha, deu certo comigo assim, mas não é possível, cada um de nós é que vai tentar de acordo como seu grupo, de acordo com as suas possibilidades. Talvez, e eu só posso falar de talvez, seja interessante pensar na ideia de dialogicidade em Freire, que é se colocar em uma postura de compreender o outro a partir do outro como sujeito cultural diferente de mim, mas não desigual. Talvez aí a gente possa superar esses desafios. É claro que o papel do educador em uma sociedade colonizada e desigual como a nossa é sempre um papel de luta cotidiana. Imagina, a formação da imaginação da maioria do povo brasileiro é feita pela novela e pelos noticiários. Então, se levarmos outras possibilidades de informação da nossa imaginação, aí começar com as crianças pode ser uma saída, mas também não garante nada.

Natália Souza (aluna):

Seguindo o conceito de Meio Técnico Científico Informacional, proposto por Milton Santos, vivenciamos uma era da informação. Porém, essas informações são distribuídas de forma irregular pelo mundo. Temos consciência de que a educação não é isenta de influência político-econômica.

Diante disso, como viabilizar a arte/educação em um contexto que visa à formação de sujeitos operativos e não reflexivos?

Professor Fernando Azevedo:

Olha, com essa pergunta eu fiquei pensando no que diz o Boaventura de Sousa Santos, aquele cientista social português muito conhecido, muito estudado no Brasil. Em seu livro *O discurso sobre ciências*, ele diz uma coisa bastante forte, diz assim: que a modernidade promoveu a passagem, ela pretendia promover a passagem do senso comum para o conhecimento científico, filosófico, enfim, para o conhecimento mais elaborado; Aí é onde está o nosso papel de educador, de arte/educador comprometido com as transformações. E é interessante porque, veja, esse fio de como fazer é um dos desafios reais enfrentados pelos arte-educadores. Na verdade, todas as questões trazem um pouco dessa grande questão: como fazer, como trabalhar com arte/educação. Porque não é tão simples. A gente fala assim: a arte é o grande guarda-chuva que abriga quatro linguagens. Nós sabemos, hoje, que essas quatro linguagens, em muitos trabalhos, estão inter-relacionadas, mas sabemos que há uma formação para cada uma delas e a escola ainda não tem isso muito claro. Não é interesse, por exemplo, os sistemas educacionais trabalharem mais quatro linguagens na arte e aí fica confuso. Ou você é polivalente ou pretende é interdisciplinarizar essas linguagens.

Porque, quando você vai a uma exposição, como a BIENAL, e percebe que as linguagens artísticas estão ali em diálogo, elas estão inter-relacionadas, mas na escola a gente trabalha dentro da nossa caixinha, dentro do nosso pequeno espaço. Então, olha, o princípio da interdisciplinaridade é contemporâneo e interessante propormos. Sabemos que não vale a pena trabalhar sozinho, a gente talvez tenha que conquistar outros colegas nos nossos projetos de trabalho.

O outro princípio é a interculturalidade, quer dizer, é reconhecer a cultura do outro. Não só reconhecer e respeitar, mas valorizar, sem precisar se transformar no outro; e a contextualização, todo

conhecimento tem o seu contexto de criação, não só acontece com a arte, mas também a ciência e a filosofia são desvalorizadas. Quer dizer, os grandes campos de conhecimento humano são quase que estranhos à escola. A escola é um lugar de atividades, como se fizesse atividades sem uma base teórica.

Professora Fernanda:

Não tenha dúvida, Fernando, é muito enriquecedor o que você traz, espero que para os alunos também. Agora, professor, para aproveitar sua fala, muito rica, quando você diz das “inters”, dessa relação que a gente pode, essa fala tão provocativa que não se fecha em atividade por atividade, mas que se estende nas relações das conexões que permeiam o fazer para além da sala de aula, e quando você traz Milton Santos e aí dentro da nossa ideologia pedagógica arte/educativa, como nós podemos realizar essas tessituras dessas informações pelo nosso entorno, o entorno de cada um, uma situação risomática de um ambiente risomático de construção de conhecimento?

Caros cursistas, lembro-os que a Vivência pela Rede faz parte da disciplina Seminário Intermediático, que é a interconexão entre música, artes cênicas, artes visuais e outras linguagens artísticas. Nessa disciplina temos como proposição pedagógica uma ação transversal. Ela acontecerá no decorrer das diferentes vivências pela rede que se inicia hoje.

Mas essa interconexão configura-se como um ato criativo, questionador, inquietante, da ação pedagógica de desejar se construir. Quer dizer, quando a gente fala desse processo de construção pedagógica, de método, o método como a professora Ana Mae observa é o que o professor vai construir naquilo que ele tem como intenção pedagógica para a ação arte-educativa. Então, a disciplina Seminário Intermediático Digital já está acontecendo, já está contida dentro das vivências pela rede que têm como objetivo discutir acerca de análises reflexivas, das diferentes áreas artísticas, pela metalinguagem e pela cultura digital.

Assim, espera-se que o aluno do curso de especialização crie essa relação de interconexão a partir do saber que ele tem, do seu universo, do seu problema, do seu território, para que a gente possa trazer os nossos territórios. Será a partir do território de cada um de nós, de cada um dos professores autores, que o aluno vai então construir a sua reflexão crítica do que ele entende que pode agregar, ou também, porque não, eliminar do que ele entende o que a gente está trazendo enquanto positivo no sentido de somar no seu posicionamento crítico e também o que ele entende que pode rever, significar em outro paradigma, etc.

Eu quero lembrar aqui que nós estamos transversalizando o Seminário Intermediário, que vai acontecer em diferentes encontros. E vem um bom momento para essa relação que você está trazendo da interdisciplinaridade, que eu estou ampliando aqui ou levando na verdade como contexto, ampliando um pouco mais. Mas trazendo no contexto da inter-territorialidade a partir do território de cada um, trocando, significando, re-significando a partir das distintas observações que vocês estão nos trazendo por meio de perguntas muito bem construídas.

Então, eu vou para outra pergunta. A Simone Ferreira da Silva traz uma questão que acho que vai ser um pouco provocativa para a nossa ideologia, Fernando, então se divirta com a pergunta.

Simone Ferreira da Silva (aluna):

Artistas têm o dom de emocionar. É dever das escolas estarem aptas a descobrir e lapidar esses talentos. Porém, acredito que seja necessário, por parte da educação, primeiro capacitar professores e quebrar paradigmas para que essa prática aconteça de fato.

Professor Fernando Azevedo:

Olha, foi bem interessante a síntese que você fez da nossa conversa até agora, muito boa, gostei muito. E a provocação é da Simone? Olá Simone, este é um tema que nós estudamos há algum tempo,

a ideologia do dom, e aí olha, você tem que colocar bem direitinho a questão da ideologia mesmo. E veja, a gente começou falando do pós-colonialismo que nos separa até hoje - fomos colonizados-, porque nós tivemos a missão artística francesa, a gente separa entre arte erudita e arte popular, e às vezes há um fosso enorme entre um e outro, e aí vêm autores pós-coloniais estudando e mostrando que é possível. Apesar de todos os conflitos, é possível diálogos, mas diálogos entre diferentes culturas, entre diferentes sujeitos culturais e, olha, a base da sua questão é essa.

Se nós fôssemos trabalhar com aqueles que já têm o dom, o nosso papel seria talvez até muito mais fácil, mas não é. O nosso papel é trabalhar com aqueles que tiveram esse acesso negado nas suas formações.

O problema é que a Arte foi sempre uma produção, quer dizer, uma dimensão da vida humana relegada a segundo plano. E nós tivemos a ditadura de 1964 que transformou a Arte na escola em uma coisa que até hoje a gente nem sabe direito o que é, o que foi aquilo, mas algo muito ruim, algo muito desumanizador. Então, eu sugiro que você leia um pouco sobre a questão da ideologia do dom para entender que, claro, as pessoas têm talento, mas para formar leitores de mundo, todos nós somos capazes. Essa é a idéia. Paulo Freire diz “ler é ler o mundo”, assim, ler esse mundo não é juntar palavras, mas é também interpretar palavras, imagens, movimentos, expressões, quer dizer, nessa ideia do autor inclui a arte com suas variadas linguagens porque nós estamos lidando com ela o tempo inteiro, faz parte da nossa vida. E aí olha, pensa um pouco no filósofo francês chamado Guy Debord que escreveu um livro muito interessante: A sociedade do espetáculo. Nesse livro ele diz que a sociedade do espetáculo trabalha com a imagem, ela mobiliza todos, nos torna sujeitos dependentes das ideologias de dominação exatamente porque somos bombardeados por imagens vendendo produtos, ideologias, enfim. Imagens nos bombardeiam e estão entrando nas casas de todas as pessoas. Então, pensa um pouco sobre isso

e procura ler o Guy Debord. Inclusive, você pode conseguir esse livro digitalizado na internet. Você vai gostar de ler.

Professora Fernanda:

Yuri Gregório Ferreira de Moraes (aluno) traz uma reflexão acompanhada de várias perguntas.

Professor Fernando, no seu texto foi pontuado: "... passamos da história dos vencedores para a história daqueles que não eram considerados na grande cena da história." Num primeiro momento as tecnologias se apresentaram como uma possibilidade de dar visibilidade e de trazer essas histórias "ocultas" ou "ocultadas". Porém, atualmente percebemos que as mesmas também servem (ou voltaram a servir) para perpetuação, imposição e resgate daqueles que venceram. Em sua opinião, como trazer ou alcançar um estágio próximo ao equilíbrio? Como estimular um olhar crítico (ou mesmo postura crítica) que consiga contrapor as cartilhas, roteiros, grades e a "formalidade" que "catequiza" (ou busca catequizar)? Como estimular um caminho onde o processo criativo (plural) seja formador (e não deformador) de um mosaico de conhecimento, troca e saberes?

Professor Fernando Azevedo:

É um texto não é? É um texto bem interessante, como é que ele se chama, Yuri? Eu concordo, concordo muito com o que o Yuri fala e aí volta a questão do desafio. O nosso trabalho de educador é, realmente, de desafiar. Eu fiquei me lembrando de Foucault quando ele descreve mais ou menos o que é a nossa sociedade hoje, uma sociedade que está sempre pronta a vigiar e punir, que valoriza a burocracia acima de tudo. Haja vista, nós, professores, enfrentamos terrivelmente lidar com essas burocracias, eu digo logo no plural burocracias, e olha, a sua pergunta eu não saberia responder. Sabe por quê? Porque na verdade você fez uma reflexão, você deu continuidade ao texto, você interpretou muito bem e eu não saberia mesmo como responder assim

objetivamente e através desse canal. Eu penso que isso aí pode ser transformado em uma boa tese.

Professora Fernanda:

Nós já temos aí uns temas bons para mestrado e doutorado, né, Fernando?

Professor Fernando Azevedo:

Todas as perguntas são ótimos trabalhos de pesquisa, ótimos mesmo.

Professora Fernanda:

A proposição desse curso de especialização é que o aluno traga suas questões. Suas reflexões têm dado um resultado muito interessante porque eles aparecem como sujeitos na prática da construção da questão e eu fico notando como nós podemos fazer para integrá-los, estimulá-los, encorajá-los, para através da especialização já ingressarem no mestrado, no doutorado.

Professor Fernando Azevedo:

Eles têm nível de mestrado e doutorado, porque os questionamentos são desse nível.

Professora Fernanda:

Nós temos muitas perguntas, mas o tempo estipulado está acabando, então, vou finalizar com mais um questionamento para o professor Fernando logo em seguida. Se o professor desejar, após sua resposta, faça algumas considerações e, então, retorno para que possamos finalizar esse encontro.

Adriana Afiune (aluna):

Os alunos, hoje, trabalham muito mais com leitura de imagem e interpretação do que está nas mídias do que propriamente o que o professor propõe

em sala. Como trabalhar com os professores a visão da necessidade de conhecerem o campo em que os alunos estão mais interessados e adequar a essa nova realidade educacional?

Professor Fernando Azevedo:

Olha, Adriana, tem também uma boa pesquisa para fazer. Eu vou tentar... O que estou dizendo aqui nem vale muito. Para mim, o que vale é esses questionamentos, a elaboração dessas perguntas tão sofisticadas, tão bem elaboradas demonstrando todo aprofundamento teórico e visão crítica de mundo. Para mim, o que importa é isso, sabe? Não saberia também responder, Adriana. Talvez se eu tivesse a possibilidade de lhe orientar eu iria apreendendo com você, e nós dois juntos, a realidade. A gente talvez chegasse a algum lugar, claro que chegaríamos, mas não sei, não sei mesmo te responder porque depende de todos os contextos, depende das ideologias dos nossos colegas professores. Claro que a imagem hoje é extremamente forte, ela entra e toma conta de nós. Como eu estava dizendo, ela vende produtos, ela vende ideologias. A eleição passada, por exemplo, ela foi muito usada, a gente está assistindo isso com a luta do discurso e a imagem porque vivemos em um tempo em que a palavra está casada profundamente com a imagem. É muito importante isso, basta ver o trabalho de Bavcar, aquele cego, filósofo da arte esloveno que fotografa e retrabalha a sua fotografia. Quer dizer, pensar em Bavcar é pensar a grande aventura que é viver hoje e ser arte/educador.

Professora Fernanda:

Professor Fernando, eu quero agradecer muitíssimo a sua participação. Quero deixar registrado aqui, uma vez que esse nosso encontro pela rede está sendo gravado nesse momento, então, que fique registrado para a posteridade enquanto esse documento não se perder no tempo, o meu afeto, o meu respeito e a minha admiração pelo seu trabalho e o meu carinho enorme enquanto pessoa para você. Gosta-

ria de saber se deseja fazer alguma observação, acrescentar alguma colocação, alguma inquietação, devolver para os nossos alunos mais questões, mais perguntas, mais reflexões.

Professor Fernando Azevedo:

Olha, eu quero agradecer também, agradecer muito, foi um momento extremamente rico. É a primeira vez que eu faço uma webconferência, nunca tinha feito e estava tremendo nas bases, então, para mim foi excelente, em chegar o final, cumprir todo o trabalho e conhecer pessoas tão interessantes. Eu ainda tenho muita necessidade do visual, de ver o rosto das pessoas, de conhecer um pouco de suas histórias, mas conheci o pensamento delas, com sua mediação extremamente sensível, inteligente.

Agradeço muito a você e a toda a equipe. Um grande abraço para todos os estudantes do curso e dizer que cada pergunta, cada colocação, cada reflexão me tocou muito também. Todo respeito por vocês e muito obrigado, muito obrigado mesmo.

Webconferência - Vivência pela rede II

Professora Iolene Lobato:

Sejam bem-vindos!

A Vivência pela Rede II será articulada e pensada a partir da disciplina *Arte/educação versus e-arte/educação*, de autoria da professora Dra. Fernanda Pereira da Cunha que está aqui presente. Também cumprimento a professora Lilian, professora formadora do curso.

Professora Fernanda:

Oi Iolene, olá Lilian, boa tarde para todos vocês. Infelizmente a gente não consegue vê-los daqui. Minha proposta para conduzir nossa Vivência é a partir de uma pergunta. Eu vou colocar os eixos sobre os

meus paradigmas, e assim vou seguindo sucessivamente, tá certo? Porque eu pretendo focar as questões encaminhadas. Senão, eu posso ficar redundante em questões teóricas que podem estar se distanciando, ou seja, partirei das questões que estão mais vivas e mais latentes para vocês no momento.

Lorena Pontes Tondolo (aluna):

Pensando na docência em artes e refletindo acerca desta nossa “materna” profissão de arte/educadores, quais podem ser as contribuições da Abordagem Triangular em nossa regência? De acordo com o texto, quais são os princípios, ideias, pensamentos, proposições, fundamentos que configuram a arte contemporânea?

Professora Fernanda:

Veja que aqui nós temos duas questões, Lorena. Bom, a questão que você está trazendo e refletindo acerca dessa nossa “materna profissão”, materna eu posso entender que vem de mãe, eu não entendi porque você colocou “materna profissão” de arte/educadores. Você está querendo contextualizar a questão do professor enquanto mãe? Eu realmente não compreendi aqui o contexto que você quis colocar. Mas com relação à Abordagem Triangular e inter-relacionando a questão que você traz acerca da arte contemporânea. Bem, a Abordagem Triangular está no recorte de uma abordagem de ensino da Arte, quer dizer, está no contexto da arte/educação contemporânea. Quando nós pensamos em arte/educação, ela está sempre vinculada ao momento em que se configura a Arte. Nós podemos, na contemporaneidade, encontrar professores arte/educadores modernistas, como também podemos encontrar artistas modernistas, ou ainda arte/educadores pós-modernos ou contemporâneos.

A arte/educação tem um recorte, tem vários aspectos essenciais para configurar se é arte-educação ou é arte, se é modernista ou se enquadra ou se configura no pós-modernismo. Um dos aspectos es-

senciais que a professora Ana Mae Barbosa ressalta na questão da arte-educação pós-moderna é a arte como expressão e cultura. Nesse mesmo sentido, nós vamos encontrar essas relações na arte pós-moderna, na arte contemporânea, e não modernista no viés de uma arte que ela tem uma relação com o contexto cultural, a arte política, o que essa arte denuncia, a arte nas relações sociais, nas relações do mundo, no contexto do mundo, com o mundo.

Então, a Abordagem Triangular no nosso processo enquanto professores de arte, pensando professores pós-modernos, contemporâneos, não pela contemporaneidade do presente, mas pelo aspecto conceitual da arte pós-moderna, ou seja, da arte que não é modernista, que está concentrada exclusivamente na arte enquanto expressão, que está desengajada das relações socioculturais. Ela vai imbricar diretamente com os aspectos do aluno, em que contexto cultural e social esse aluno está, para que ele seja capaz, por meio do nosso processo, de ensinar arte, de se expressar dentro dos parâmetros que ele se encontra no mundo.

Logo, vêm as relações da criticidade, o desenvolvimento da consciência crítica em que a Abordagem Triangular está embasada, fundamentada nos pilares do professor, do educador, do filósofo da educação, Paulo Freire. Em síntese, seria isso. Poderíamos discorrer, mas têm muitos textos da professora Ana Mae Barbosa, todos os livros dela estão sempre entrando nesse viés, exatamente na relação da discussão entre o professor modernista e o arte-educador, arte-educação modernista ou pós-moderna.

Maria Izabel Lemos Rocha (aluna):

Professora Fernanda, gostaria de saber como trabalhar uma mente digital crítica em nossos alunos?

Professora Fernanda:

Veja, essa é uma questão que, pegando a questão da Lorena, primeiro para que eu possa trabalhar a mente digital de um aluno, quer dizer a

mente está relacionada à cognição que é a constituição de ideias ter uma ideia formada de alguma coisa. Muitas vezes, a pessoa pode ter uma ideia formada de alguma coisa que não seja dela, o pensamento massivo. Ela está reproduzindo automaticamente um conceito que não é dela, sem pensar sobre aquilo e se torna vítima daquele conteúdo. Ela é vítima daquele produto que consome sem ter uma dimensão de seu valor. Então, nós temos o oposto da mente crítica, a mente acrítica.

Paulo Freire enaltece algumas categorias da mente, dos níveis de consciência: ele vai falar da consciência intransitiva, a consciência ingênua, a consciência transitiva-ingênua, a consciência crítica e a consciência fanática. Ele vai observar que a consciência fanática é uma instância em que não tem mais nenhuma intervenção educativa que possa reorganizar, re-contextualizar, re-significar, desenvolver a mente nesse estágio da pessoa. Entretanto, observa também que é responsabilidade da educação, a educação que pode promover o desenvolvimento do pensamento crítico, da autogovernança, a capacidade de escolher coisas pelos meus critérios de julgamento, de estética, de crítica e, portanto, das minhas seleções que advêm do meu desejo e não de uma repetição em que eu reproduzo do outro como se fosse minha, que é a acriticidade.

Então, trabalhar a mente digital de uma pessoa concebe, numa primeira instância, no meu entendimento, que o professor, que o arte-educador, que a arte-educadora seja capaz de identificar o que o seu aluno está consumindo. Quer dizer, onde, em que parâmetro essa pessoa está, o que ela está consumindo para que então o professor possa elaborar estratégias arte-educativas, estratégias pedagógicas que possam colocar aquele produto, aquele material que está sendo consumido, aquela instância cultural onde a pessoa se encontra em processo de reflexão. Refletir é colocar o outro para pensar acerca de alguma coisa. Logo, onde no texto eu acabo enaltecendo pelo eixo da pedagogia do questionamento que se coloca, se põe uma pessoa refletir alguma coisa é colocar o outro a pensar. Eu coloco o outro a

pensar imediatamente quando eu coloco uma questão. Pôr o outro a pensar num estado em que essa pessoa, esse aluno, esse jovem, esse educando saia da condição de simplesmente cumprir tarefa para entrar na questão, no processo da investigação. Assim, ele vai investigar acerca de uma proposição questionadora que eu o coloquei. Projetos são excelentes exemplos e possibilidades que viabilizam isso. Em seu livro *Inteligências múltiplas*, Gardner tem um exemplo muito interessante de projeto para colocar a pessoa em estado de ação por meio dos seus próprios interesses. Primeiro eu preciso identificar o que o meu aluno está consumindo para depois elaborar uma ação pedagógica em que eu vá promover, colocar o meu aluno em estado de investigação. A questão interessante, sempre quando me trazem essa pergunta, e eu sempre penso no meu próprio exercício em sala de aula, é que o professor tem que trabalhar mais. Porque ser um professor conteudista é uma situação que demanda menos trabalho. Você, no seu estado, você eu quero dizer o professor, todos nós em um estado de descomprometimento com o desenvolvimento da mente crítica, que seja a mente digital crítica que é colocar em crítica, colocar em estado crítico, em autocrítica o desenvolvimento da auto-governança dos meus hábitos digitais. Portanto, o que acontece com esse professor conteudista? Ele vai estar distante dessa responsabilidade, ele se tira da responsabilidade de entrar no universo da pessoa. É muito fácil dizer que o professor deve entrar no universo do aluno. Mas entrar no universo do aluno nos coloca numa ação de processo de ensino-aprendizagem com o eixo do diálogo, da aproximação, do interesse ideológico, político-educativo em querer me aproximar da instância onde o outro está para levá-lo, para ampliar seu repertório.

A questão não é o que ele consome, mas é como ele consome. Como assim? Voltando a nossa fala inicial, se ele consome de modo acrítico ele não tem parâmetros reais que sejam dele, do critério de julgamento, se aquilo será bom ou ruim para ele. Então, os nossos alunos e a sociedade brasileira como um todo, dentro do parâmetro

de uma mente digital acrítica, estão sempre sendo vítimas daquilo que consomem, se intoxicam com aquilo que aplaudem. A *société do espetáculo*, de Guy Debord, é outro livro muito interessante para leitura. A questão é identificar primeiro onde o meu aluno está. Vamos pensar nos nossos filhos, nos nossos parentes, nos nossos amigos. Como eu posso promover uma intervenção a partir de uma situação que eu penso que vale a necessidade de um processo educativo se eu não dou a conhecer quem aquela pessoa é, onde ela está, o que ela consome. Então, a primeira questão é identificar. Em seguida, vem o processo de criatividade desse professor. A criatividade ela está ligada à ousadia, à ousadia responsável é bem verdade, mas como é diante daquilo que eu identifiquei e que eu coloco como um problema pedagógico, ou seja, algo que deverá ser trabalhado, o conteúdo de alguma natureza.

Como fazer? Isso também é uma questão muito importante que a professora Ana Mae ressalta. Uma coisa são as teorias, as propostas, as proposições arte-educativas de teóricos, de filósofos da área, como John Dewey, Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Michael Parsons, Elliot Eisner, enfim, tem uma série de nomes. Agora, o professor deve ter conhecimento, ler, se informar acerca dessas proposições pedagógicas, dessas abordagens de ensino para que ele veja de que maneira vai utilizar essas abordagens. Ele pode utilizar uma parte de uma, outra parte de outra no seu processo de construção de uma ação metodológica. Foi nesse sentido que a professora Ana Mae Barbosa fez uma correção na nomenclatura da Abordagem Triangular, que começou com um nome, foi batizada, inclusive pelos próprios professores, de Metodologia Triangular. Num dos livros da Ana Mae, a autora vai corrigir dizendo que não é metodologia, foi o nome que ela inicialmente aceitou pelo batismo como os professores deram, mas a metodologia, o método é uma ação criativa do professor no momento de se elaborar uma intervenção educativa ou arte-educativa. Então, percebam que para o desenvolvimento dessa mente arte-digital crítica é preciso,

primeiro, identificar o problema e, segundo, o professor elaborar uma estratégia para atender exclusivamente aquela situação. Eu poderia usar um exemplo, vamos pensar uma escola, uma escola não, aquela sala de aula, aquele grupo de alunos, porque cada sala de aula compõe uma característica muito peculiar e particular daquele grupo de pessoas. Vamos supor que eu identifique, é apenas uma ilustração, que aquele grupo, aquela sala de aula tenha problema com drogas onde se estabelece que aquilo é cultura digital ou não, mas como trabalhar a questão das drogas, ou que seja da dengue, que é uma questão muito interessante. Veja nos países mais desenvolvidos, não existe dengue, e ela está muito relacionada com a higiene. Os países mais subdesenvolvidos têm responsabilidade com os altos índices com a dengue, como trabalhar a dengue, como trabalhar as drogas, como trabalhar a educação sexual por meio da arte e o seu ensino. Veja que eu estou trazendo temas que podem ser transversais dentro do processo arte-educativo. Nós sabemos que a cultura digital é a cultura digital mais a cultura não digital, quer dizer, ela assimila a cultura não digital. Então, a questão para o desenvolvimento da mente digital é identificar a dúvida do meu aluno, onde ali, naquele momento, é mais importante trabalhar com ele de modo a colocá-lo como investigador de uma proposição que eu coloquei como eixo pedagógico investigativo por meio de uma questão que eu apresentei. Como fazer isso? Vêm, então, os procedimentos metodológicos da maneira como eu vou construir as minhas ações pedagógicas que poderão demandar um semestre, um bimestre, um ano, enfim, isso vem da criatividade do professor.

Eu coloco a seguinte questão para esta questão. Como um professor, um arte-educador, pode desenvolver a mente crítica de uma pessoa, seja digital ou de outro parâmetro, paradigma, se ele mesmo não for uma pessoa crítica? Ensinar alguém a ser crítico demanda que o professor tenha a criticidade de elaborar uma ação pedagógica que seja crítica. Assim, o professor tem que ter uma intenção pedagógica comprometida com a necessidade dos meus alunos, dos seus alunos.

Professora Iolene:

Só um parêntese, e isso, Fernanda, de certa forma, promove no professor esse conforto de conteudista em sala de aula. Sair da zona do conforto não é nada interessante porque dá trabalho, exige comprometimento, criatividade e muita dedicação. Às vezes o professor não quer se submeter a este processo árduo que possibilita o desenvolvimento da mente crítica do sujeito.

Professora Fernanda:

Sem dúvida. Olha, eu tenho visto ao longo da minha carreira docente questões que me assustam muito. É verdade que o nosso salário não tem estado nos números que valem a nossa responsabilidade de intervir sobre a formação do outro. O que isso tem a ver, por que estou ganhando pouco, então, eu vou dar pouco para o meu aluno, a minha ideologia, o meu descomprometimento com a sala de aula? Essa pergunta que a discente traz é muito rica porque só o fato de pensá-la eu já posso entender o quão responsável, o quão comprometida é como professora. Porque um dos aspectos muito interessantes para nós mensurarmos, avaliarmos a condição, a criatividade, a criticidade, o desenvolvimento de uma determinada consciência, mais do que pelas respostas que os nossos alunos nos dão são pelas perguntas que eles elaboram. Quer dizer, essa pergunta tem uma questão atrás dela, me traz o entendimento que ela está preocupada em desenvolver a mente, a inteligência, ou seja, a cognição do seu aluno.

Na contemporaneidade, discutimos a arte/educação pós-moderna e ligamos a inteligência com a cognição perceptiva onde entra um papel importantíssimo da arte, porque educar e refinar a percepção dos nossos alunos é desenvolver a inteligência cognitiva.

Então, perceber, dar a perceber, refinar essa percepção para que saia de parâmetros de leituras tão primárias traz o desenvolvimento da percepção crítica, da mente digital crítica, da percepção digital

crítica, entra no parâmetro, bom, o que esse aluno está consumindo? Ele está consumindo tal coisa, então, vamos lá colocar isso como conteúdo para que possamos, através de processos de investigação de questionamento dessas questões possibilitarmos que ele amplie a percepção daquilo que está consumindo.

Muitas vezes, pelo preconceito do professor com a cultura digital dos nossos alunos, ele fica no exercício, no meu entendimento equivocado, de querer ensinar o aluno que aquilo que ele consome é ruim.

Aliás, a professora Ana Mae Barbosa enaltece com muita riqueza que a Arte, um dos aspectos da epistemologia, é uma das poucas áreas em que não existe o certo e o errado. Existe o mais ou menos certo, o mais ou menos errado de acordo com o julgamento, com o critério crítico, portanto, a minha criticidade, o meu olhar diante daquilo. Logo, acaba sendo um desgaste e, muitas vezes, um fracasso na educação o professor dizer que aquele conteúdo, por exemplo, vamos pensar o professor de música, de *PSY* é ruim. O que está em questão não é se é ruim ou se é bom, mas dar ao aluno a conhecer mais aprofundadamente aquilo que ele está consumindo, conhecer mais, refinar mais, dar parâmetros mais profundos, essa é a questão. Para isso, nós temos que trabalhar. As nossas aulas demandarão maior comprometimento na construção, vamos ter que trabalhar mais em casa. Muitas vezes vai dar errado quando chegar na sala de aula, vamos ter que readaptar. É um processo de comprometimento com a vida, com a formação dos nossos alunos e não com o conteúdo, desassociar, transmitir o conteúdo, passei a informação para quem? Informação não é conhecimento. Educar é transformar informação em conhecimento. Conhecimento é dar a conhecer. Conhecer está ligado a reconhecer. Eu reconheço se eu percebo, então, vem a questão que nós estamos trazendo do desenvolvimento da cognição perceptiva, quanto mais eu reconheço alguma coisa mais eu conheço porque eu consigo perceber, logo eu sei, eu sou mais inteligente para aquilo.

Karla Ludovico Vieira Nascimento (aluna):

De acordo com as disciplinas trabalhadas neste curso, constatou-se a importância de adotar a Abordagem Triangular no contexto e-arte/educação (e-ler, e-contextualizar, e-fazer). Nessa direção, pergunto: No universo digital, o sujeito deve dominar o e-fazer em todas as suas máximas? Levando em consideração que todos os dias novos softwares, máquinas e suportes são criados, será mesmo possível dominar o e-fazer, ou seja, o professor e/ou aluno deve saber criar, manipular e utilizar ferramentas em todos os suportes midiáticos existentes para ser considerado letrado ou competente informacionalmente?

Professora Fernanda:

Essa pergunta, Karla, é muito interessante, muito bem elaborada, quero lhe parabenizar. Agora ela é interessante também porque isso é um dos vieses que muitas vezes acontece um dos maiores equívocos no entendimento sobre a Abordagem Triangular ou no Sistema Triangular Digital, que é uma proposição derivativa da Abordagem Triangular concebida e sistematizada pela professora Ana Mae Barbosa.

A Abordagem Triangular, como está embasada no ler, contextualizar e fazer, e pela natureza epistemológica da cultura digital vai estar ligada ao e-ler, e-contextualizar, e-fazer. É importante entender que essas são três ações mentais que estão concomitantemente interconectadas, inter-relacionadas para formar uma ideia sobre alguma coisa. É como a mente processa uma instância de elaboração de alguma coisa para a culminância de uma ideia. Então, a sua pergunta, como elaborada, dá a entender a dissociação do fazer aos outros parâmetros de ler e contextualizar.

Veja que o ato de pensar, de desenvolver uma ideia sobre alguma coisa, sendo a ideia um produto conclusivo da mente humana acerca de alguma coisa. Nesse sentido, a pedagogia do questionamento para o desenvolvimento da criticidade impulsiona o processo de reflexão. Assim, quando eu lanço a pergunta imediatamente o cérebro, se estiver

responsável, se responsabilizando pegando para si o desejo de responder, ele imediatamente começa a elaborar, ele vai em busca daquela resposta. Assim, eu já tenho um material, todos nós temos os nossos conteúdos internos. Contextualizar quer dizer estabelecer relações. Para a professora Ana Mae Barbosa, ler está relacionado à interpretar, à minha capacidade de decodificar um código, que pode ser contextual, um signo naquele meu processo de estranhamento com aquilo que eu pretendo interpretar. No meu processo de interpretação está ligado ao meu material ideia, ou seja, ao fazer. Então, esse fazer, esse contextualizar, que é estabelecer as relações no meu processo de leitura na busca da interpretação de algo, elas estão ligadas pelo comprometimento à resposta pelo produto ideia que eu quero constituir. Portanto, essas questões que você vai trazer sobre o domínio da máquina, sobre o que os americanos colocam como *fitness*, a minha competência, o meu desenvolvimento em relação àquela competência, em relação à performance que eu vou ter sobre alguma coisa, isso não está relacionado com desenvolver o pensamento crítico acerca daquilo. Mas sim ao produto ideia como eu tenho daquilo. É bem verdade que pela natureza da área das artes, a expressão artística é a culminância estética do produto daquela ideia que eu construí. São situações, ter a ideia sobre algo, expressar a ideia que eu tive, essa é a arte inerente da necessidade humana. Expressar-se acerca de alguma coisa que eu construí quem é essa alguma coisa? É a ideia. Nós vemos o mundo em uma construção de desconstruir a capacidade do outro pensar e fica quase que nebuloso entender que eu expressei alguma coisa de uma ideia que eu construí.

Agora, como nós já compramos essa ideia pronta e a reproduzimos sem um julgamento próprio, nós acabamos perdendo, inclusive, a condição de expressão. Porque a relação entre pensar, construir uma ideia sobre algo e expressar muitas vezes criar problemas no ambiente de trabalho ou em outras instâncias sociais. Quanto mais mecanizada for essa pessoa, a formação do operário é: faça e se cale. Uma educação em que nós simplesmente obedecemos. Obedecer

acompanha muito a ideia de não ter ideias, quer dizer, essa é uma coisa a se pensar. Agora, pela materialidade, a culminância, vamos pensar das artes visuais a ideia que eu tenho. Eu terei como meio de expressão as visualidades, fotografia e outros parâmetros dentro das artes visuais, as artes plásticas, as pinturas, a linguagem do cinema, a linguagem da música, quer dizer, como eu vou expressar aquela ideia que vou materializar. Bom, eu tenho um problema matemático. Se eu for me expressar matematicamente eu terei a concretude da matemática. O desenvolvimento de uma mente digital crítica não está relacionado ao quanto mais desenvolvida for essa mente crítica, é porque mais capacidade sobre o domínio técnico de alguma coisa se tem.

Rodrigo Peixoto Barbara (aluno):

Professora Fernanda, como você percebe o e-fazer, o e-ler e o e-contextualizar dentro das salas de aulas nos dias de hoje? E ainda, continuando nessa linha, como você percebe a receptividade da escola e da sua gestão, no geral, com a proposta da arte/educação versus e-arte/educação?

Professora Fernanda:

Interessantíssima essa pergunta também, Rodrigo. Você sabe que em 2003 eu fiz um trabalho, acho que foi de dois anos na formação de professores dentro de uma escola da educação infantil ao ensino médio. Ali até escrevi um artigo, um pequeno artigo em uma revista e que eu também estava fazendo um trabalho em uma faculdade particular, eu trabalhava com intermídia, etc. e tal. Naquela época, nem discutíamos o conceito de intermídia, mas multimídia, múltiplas mídias e alguns poucos anos depois nós fomos conceber a intermídia, a interconexão das mídias. Mas o que acontece, as escolas, muitas vezes, usam o que a Karla estava colocando na outra pergunta, superequipamentos, laboratórios muito sofisticados como vitrine para conseguir matrículas. E os pais, na visita às escolas, ficam muito bem impressionados, dizendo “eu

quero que o meu filho estude nessa escola porque ela é muito bem equipada”. Os pais se esquecem de perguntar de que maneira aqueles equipamentos vão ser utilizados. Quer dizer, você entra em um laboratório de informática entendendo que tem internet e ela está travada, proíbe tudo e o aluno não pode acessar nada. Como é que vamos conseguir utilizar, agregar, colocar como conteúdo de aula a cultura digital dos alunos se a escola educa na política da proibição. E os alunos aprendem a mentir, ou seja, não dizem o que eles estão consumindo porque já há uma segregação da cultura digital. Ora, se você segrega quem o outro é, para onde você vai levar o outro, então, fica muito frágil e muito complexo. Agora eu sempre discuto o seguinte, a escola nem sabe identificar o que é cultura digital de ferramentas digitais. Você pode utilizar um computador como uma máquina de escrever, você pode usar um celular como um telefone convencional, quer dizer, você pode ter o equipamento, mas não fazer o uso das práticas que ele pode te promover.

A maneira como você usa que vai culminar nos seus ritos, nos seus hábitos que constituem uma determinada cultura, no caso, a cultura digital. Ora, a escola proibindo todos os parâmetros que o aluno pode, bom, quando já se proíbe o uso do celular, como utilizá-lo pedagogicamente? Agora, os jornais têm apontado quantos crimes acontecem, inclusive com crianças, por meio da internet. E quando perguntamos aos pais: onde estão seus filhos? “a não, o meu filho não está na rua, ahn que bom, ele está no quarto com o computador”. A criança utilizar a internet, o jovem utilizar a internet sem ter criticidade, sem estar preparado para o seu uso, é como se ele estivesse sentado na sarjeta. Pensar que está em casa e está tudo bem, está tudo mal. Está tudo bem se esse pai, se essa mãe acompanha, dialoga com esse jovem, participa sobre o que ele consome. “Ahhh não, mas essa música é muito ruim, nossa! esse game é horrroso”, você vai segregar e trabalhar a baixa estima desse jovem porque tudo que ele gosta, que os pais e a escola não gostam, é errado, então ele também vai educando a gostar do que é errado. É errado, mas

ele gosta, olha o conflito que ele entra. Agora os games, por exemplo, e tantos outros exemplos que a gente pode dar, os cliques, têm uma relação de som, imagem e texto com repertórios de código eruditos riquíssimos. Gastam-se numerários altíssimos para uma construção, é muito mais caro a produção desse tipo de entretenimento hoje em dia do que o cinema. Então, agora o refinamento da construção disso é impressionante. E não estou falando, é bom porque é caro. Não. Eu estou querendo dizer que existem códigos eruditos presentes nessas produções que podem ser muito bem utilizados em sala de aula ao invés de reprimir esse aluno, colocar a estima dele em níveis preocupantes. Imagina o ser humano entender que tudo que ele gosta é errado, como ele crescerá? Assim, enquanto educador, como posso relacionar, por exemplo, a música de Tom Jobim, que considero uma boa música, com algum produto de um clipe que o meu alunado gosta.

O grande problema é a questão do Sistema Triangular Digital, o e-fazer, o e-contextualizar, o e-ler está totalmente ausente da escola porque ela segrega a mente digital do aluno. Entretanto, quando eu estou com os meus alunos, sou eu e os meus alunos. Façam uma conta, nós sabemos que nós temos uma média de quarenta alunos em sala de aula e às vezes até mais. Proponho isso para que vocês façam depois. Peguem trinta alunos, nós entramos mais ou menos em oito salas de aula o dia todo, peguem trinta, multipliquem por oito, multipliquem pelo número de, por exemplo, cinco anos de docência. Vejam o número de alunos, o número de pessoas que já passaram pela mão de professores que trabalham há apenas cinco anos. É um contingente altíssimo.

Olha, Madre Teresa de Calcutá diz o seguinte: “eu sei que o meu trabalho é uma gota no oceano, mas eu sei que esse oceano poderia ser menor sem essa gota”. Eu ali, cada um de nós, no nosso exercício com os nossos alunos temos muito o que fazer por eles e isso já me dá uma tranquilidade enquanto pessoa quando eu me deito com o meu travesseiro. Esse é o meu convite para vocês.

Hélio Lúcio da Silva (aluno):

Porque há necessidade de uma procura, de uma alternativa para prática de livre expressão do ensino moderno de arte já que não correspondem às inúmeras tendências e aspectos da realidade contemporânea?

Professora Fernanda:

Muito interessante, Hélio. Primeiro a sua pergunta me felicita muito, porque só pelo modo como você a realiza eu percebo que estou diante de um professor que identifica a fragilidade da formação que nós temos de muitos professores. O grande problema de livre expressão, muitas vezes, vem já na formação, na graduação. Eu lembro quando eu fiz graduação, nós brincávamos enquanto estudantes que não eram pedagógicas, eram pegajosas. Então, olha já o preconceito do licenciando com as pedagógicas que depois de formado, se bem formado, ainda está muito frágil. Então, o grande problema, no meu entendimento, é a faculdade, pois já possui, muitas vezes, uma formação tecnicista, modernista. Logo, o professor já vai sair com essa formação. Nós temos aí um efeito dominó. Temos um aluno que a vida inteira estudou em uma educação massificada que não vai privilegiar o desenvolvimento da mente humana, ou da criticidade, da autogovernança. Depois ele escolhe uma faculdade onde esses professores continuam nesse formato extremamente da livre expressão, quer dizer, descomprometidos de todos esses parâmetros que nós estamos discutindo. E esse jovem, que professor vai ser esse? Assim, falar de uma reformulação no ensino, se hoje nós instituímos uma nova maneira de ensinar, eu tenho que primeiro instituir uma nova maneira de formar esses professores. Nós vamos ter aí uns trinta, quarenta anos, umas quatro décadas para conseguir melhorar. E melhorando esses professores hoje, eles vão melhorando os seus alunos, quem eles vão se tornar, serão pessoas mais libertas, menos formatadas, e serão professores em um paradigma de uma faculdade que já será melhor porque melhorou lá atrás, e certamente vai melhorando a nossa sociedade.

Agora temos que considerar que, por exemplo, o nosso curso de especialização, como existem muitos outros, da mesma forma existem muitos outros alunos como vocês que estão buscando uma formação complementar para refinar, melhorar, ampliar, aprofundar a sua ação docente indo nas instâncias do mestrado, do doutorado, ou seja, essa inquietação em querer aprender para poder ensinar melhor. Isso também faz toda a diferença.

É muito irresponsável, acho uma covardia dos dirigentes políticos, dizer que o professor vai ter que fazer isso de livre e espontânea vontade. Nós precisamos de respaldo para isso e os dirigentes políticos necessitam dar parâmetros, condições para o desenvolvimento pleno da nação brasileira que carece de uma formação educacional. E vejam, a questão que eu falei da formação, os nossos pais, os pais que somos, os pais que seremos, os pais que assistimos são muitas vezes pessoas, eu não sei, que às vezes o professor fala “mas esse pai não sabe educar esse filho”; não sabe mesmo, não aprendeu.

Paulo Freire nos fala que o professor tem que ser generoso com a ignorância dos seus alunos, e vejam, a ignorância dos nossos alunos muitas vezes é o espelho do problema que se tem em casa. Às vezes, você chega na faculdade, na escola de artes, ou na educação básica e quer ensinar sobre Picasso. Só que você, de repente, chega lá e tem que ensinar a criança a usar corretamente o papel higiênico após sair do banheiro, ensinar a lavar as mãos, como vai ensinar sobre o artista? Espera aí, às vezes, aquela criança carece tanto de tudo que você tem, o Picasso deixa de ser importante. Muito bem, vamos ensinar. Por meio de quais obras de Picasso ou outros códigos eruditos eu posso também trabalhar os conteúdos transversais? Veja de novo, a gente cai na questão da atitude, que está relacionada com a ideologia. Eu posso, enquanto educadora, me sentir descomprometida, “bom ele não sabe usar o papel higiênico, problema dele”. Eu, Fernanda, não consigo isso, e quero sempre não conseguir. Eu tenho visto muitas situações difíceis ao longo da minha vida, quanto mais a gente vive mais a gente vê, né

pessoal? Mas eu mantenho a minha indignação diante das coisas que eu vejo. Temos visto tanta morte, tanta coisa na televisão. Televisão hoje é cultura digital, as pessoas estão dizendo “ahh não”, quando você comenta “nossa, você viu aquele crime ou não sei o que”. Às vezes, o modo como comentamos já é sensacionalista e o modo que o outro recebe “é, mas isso é tão assim”. Eu quero sempre me indignar com as questões difíceis que eu tenho visto no mundo, eu não quero me acostumar com a violência e quero conseguir levar para o meu aluno essa instância de refinar a percepção cognitiva nesses parâmetros todos da existência humana. Porque um dos aspectos epistemológicos da arte-educação é tornar o ser humano mais humano.

Marilene (aluna):

Quais são os pontos positivos e negativos da Abordagem Triangular?

Professora Fernanda:

A pergunta é bem interessante, é uma boa provocação. Aliás, todas essas provocações que estão proporcionando o conteúdo que eu posso viabilizar aqui para vocês e espero também que a proporção de reflexão esteja sendo produtiva para vocês.

Eu diria o seguinte: que a Abordagem Triangular não é um sujeito, portanto, ela não tem nada de positivo nem negativo.

O que será de positivo e negativo será o uso que eu terei, que aí sim positivo ou negativo é a formação que eu não tenho porque eu não dou a conhecer, eu não dou a estudar, eu não dou a informar sobre a Abordagem Triangular. E, então, eu vou usar a Abordagem Triangular não como um bojo, porque, como eu já disse anteriormente, ela é uma proposição teórica arte/educativa.

A maneira como o professor vai fazer uso dela no seu processo criativo, na sua ação pedagógica é que vai fazer o diferencial. É o que tornará essa intervenção, a Abordagem Triangular, no uso que ele fizer, negativo ou positivo na sua ação pedagógica.

A questão é como promover ações arte/educativas, ações pedagógicas para que possamos, enquanto educadores, promover vivências significativas, para que nossos alunos aprendam por meio delas, não uma vivência qualquer, como nos enaltece o John Dewey, em *Art as experiences, Arte como experiência*. Esse livro foi escrito em 1941, mas agora os arte-educadores utilizam o autor como referência. Ana Mae vai trazer o John Dewey ao Brasil. Ele é altamente consumido na arte-educação há décadas e décadas. Agora, de uma década para cá, quem fala dele ficou chique, né?

É interessante que nós temos que ter também criticidade, enquanto professores, de não andar na moda, né? Olha lá aquilo que eu falei da formação, não podemos ter uma formatação, mas temos que ter uma criticidade sobre os autores e ter os nossos critérios, aquilo que a gente gosta e tem um motivo de gostar.

Eu não consigo pensar um educador hoje que não tenha esse livro na sua estante. Melhor dizer um livro na sua estante depois de lido né, pessoal. Eu tenho livros na minha estante que eu não li ainda também, é bem verdade, a gente não pode ser hipócrita. Então, comprem o John Dewey. Se não der para ler, um dia lê um pedacinho aqui, um pedacinho ali.

Mas o John Dewey vai falar da experiência consumatória que trará uma qualidade estética, estética quer dizer a arte como experiência, quer dizer promover uma experiência que seja tão significativa para aquele aluno. Por que ela vai ser significativa? Se for do interesse dele. A nossa capacidade de envolver o aluno como sujeito investigador, isso tudo que nós estamos falando e eu falei anteriormente, que trará essa experiência, não é uma experiência qualquer, é única. Eu tenho dito, pensando no John Dewey e pensando nas coisas que eu já aprendi na minha vida e as coisas que eu não aprendi, hoje eu vejo o tanto que eu estudei e o pouco que eu aprendi. O que eu efetivamente aprendi é porque foi muito significativo, vamos mudar a palavra significativa, foi muito importante para mim.

Eu vejo que, às vezes, a pessoa passa pela vida e ela não teve a oportunidade de ter nenhuma experiência que seja “aquela” que valeu a vida dela. Que vida triste, né?

Mesmo que a experiência seja ruim, ela terá uma qualidade estética significativa que promoverá uma instância de saber, de perceber, de sentir, de desenvolvimento cognitivo que terá uma forma exclusivamente dela. Puxa vida, né? Beijar, né? Eu estava falando aqui sobre o beijo né, Lilian? O beijo é uma coisa boa. Eu não posso contar tudo para vocês que eu estava falando aqui, mas estava conversando sobre beijo. Pensem naquele beijo que você deu na sua vida, às vezes, eu posso ter beijado pessoas, mas não tenha tido o “beijo”, que foi “aquele” que valeu a pena por todos os outros que eu não dei.

E no âmbito educacional eu posso promover uma qualidade estética significativa para os meus alunos que aquela instância que eles estiveram comigo valeu a pena e marcou os tantos anos que eles ficaram na escola. Às vezes, uma fala de um professor, uma intervenção, uma aproximação com esse aluno, é isso daí, me aproximar do universo dele, promover experiências significativas. Paulo Freire fala tanto da educação pelo amor. Eu acho que pelo amor é ser humano com o ser humano que a gente educa. Tem que pensar em querer educar sobre tudo. Assim como promover a essa pessoa um aprendizado sobre algo que lhe seja significativo, que lhe seja importante, que lhe marque pela vida, porque isso ela nunca vai deixar de saber.

Então, vamos desresponsabilizar a Abordagem Triangular sobre a questão do negativo e positivo, mas nos responsabilizar do que nós tornamos o ensino, mais negativo ou mais positivo, não sei se com o mundo, mas naquela nossa instância com os nossos alunos, daquilo que nós fazemos ou não com ele, pela vivência que nós promovemos ou não com eles. Tem tanta coisa a se ensinar e o próprio MEC dá aquela lista infundável, você não precisa ensinar tudo. Então, o que não te convence, não queira convencer os seus alunos.

Vera Lúcia Mesquita Carneiro (aluna):

Como promover ações arte-educativas intermediáticas por meio do Sistema Triangular para que o professor possa desenvolver a sua consciência crítica? Uma vez que suas ações pedagógicas apresentam (eu estou pondo tudo no plural) um abismo com as experiências que os jovens levam para a sala de aula.

Professora Fernanda:

Interessantíssima a pergunta, Vera? Você já respondeu. O professor tem que criar pontes, instâncias de aproximação. Ponte é diálogo. Abismo não é educação, abismo é transmissão de informação.

Veja, cai exatamente no que eu falei inicialmente, com as perguntas interessantíssimas que vocês trouxeram e a gente pôde dialogar. Porque pensar sobre essas perguntas me traz um ensinamento muito rico. Sempre que eu penso sobre essas questões eu trago para minha realidade como professora em sala de aula. Toda aula eu fico pensando como fazer isso, Vera, como sair desse abismo, como me aproximar desse aluno, como fazer com que ele me coloque em questão ou me colocar aberta, promover situações que ele tenha que me trazer esse conteúdo, iniciar a aula como instância política e, portanto, democrática, pontuando que todas as pessoas são universos constituídos de signos. Esses signos lhes significam porque eles têm um significado e assim há uma significação. Quando eu já entendo isso, aquilo que o aluno me traz é material imediato de conteúdo porque é um signo. Como poderemos refiná-lo nesse processo de percepção crítica daquilo que ele traz?

Então, primeiro, a instância aberta, democrática de trazer, como eu vou elaborar ações para que ele consiga re-significar? E é interessante que eu aprendo muito. A verdade é que a gente está sempre atrasada diante daquele aluno que tem uma imersão tecnológica extremamente atualizada. Assim, vamos ver o que eles têm, vamos ver como nós podemos usar, a gente constrói juntos.

Se eu instauro agora a base que eu faço, Vera, eu vou verificar pela conversa na primeira aula o centro de interesses do aluno, onde eles estão, o que eles estão consumindo. Uma conversa que aparentemente é muito descontraída, mas eu estou ali com uma estratégia focada; eu quero saber onde ele está. E ali eu já vou elaborar projetos a partir daquele conteúdo. Quem é o conteúdo? O que ele me trouxe, perceba, que é o signo, que é onde ele está se significando. E aí eu vou ter o trabalho, porque não é fácil, de pensar o projeto a partir do meu território. Assim, eu promovo diferentes instâncias por meio de diferentes tecnologias, colocando os alunos a pesquisarem sobre aquelas tecnologias que podem ser agregadas ou não. Então, essa relação de intermídia cai entre tecnologias.

Olha, é muito importante a gente saber o que é tecnologia; a diferença de técnica para tecnologia é que a técnica passa a ser uma regra estabelecida daquela maneira para resolver aquele problema, para atuar sobre algo. A tecnologia é a inovação, quer dizer, como eu posso utilizar, trabalhar, realizar alguma coisa para resolver aquele problema imediato, que muitas vezes eu posso não utilizar aquela regra e ali se estabelece aquela tecnologia. É bem verdade que aquela tecnologia, sendo praticada na sua construção, se passar a ser utilizada dentro das minhas ações do meu cotidiano, ela tenderá a se tornar uma regra. É muito importante a gente entender isso. Então, o próprio processo de elaboração, o meu modo de pensar ele já é, poderá ser uma técnica ou uma tecnologia. Assim, percebam que eu não estou ligada exclusivamente a questões de recursos, de *softwares*, mas, de novo, a promover a eficiência no sentido da liberdade de poder arriscar para solucionar problemas. Portanto, essas ações estão na mão do professor: ver, identificar onde é que está o universo do aluno. Aí leva para casa esse problema, professor, a gente vai ter que trabalhar, nós temos o que se chama planejamento para criar um projeto. O que é um projeto? Lançar um monte de problemas para pôr o meu aluno para pensar.

Veja pessoal, na minha pequena instância, aqui com vocês nesse curso, eu, a Iolene, todos nós, a Lilian, o que a gente tem colocado? Temos tentado pôr problemas para vocês. Quanto tempo a gente fica pensando para elaborar projetos, colocá-los em ação para vocês buscarem soluções? A gente não coloca “use esse equipamento, faça assim, faça assado”, a gente pode dar algumas bases, algumas referências.

É colocar o aluno em estado de pesquisa, de elaboração. E quando eu promovo essa ação, promovo uma ação arte-educativa. Assim, precisarei ver o conteúdo-signo que está ali significando para o meu aluno naquele momento, terei que ter um conhecimento da Abordagem Triangular ou do Sistema Triangular Digital enquanto proposta metodológica. Eu preciso saber que e-ler, e-contextualizar, e-fazer é uma ação que imediatamente é conectada dentro da mente do aluno quando ele está comprometido com a busca da resposta de um problema que eu imputei nele, certo? E essa questão está ligada à cultura digital e que essa cultura digital que ele está consumindo seja significativa, porque tem um significado para ele, porque esse aluno está em prática daquilo.

Vocês sabem o que os seus alunos consomem? Que estratégia vocês elaborariam? Que estratégia vocês criariam? Que projeto vocês vão promover a eles, não o projeto que vocês vão fazer? Como vocês farão para não segregar esses alunos, a cultura digital deles? Um simples olhar já pode ser um desdém que acaba com uma pessoa que será seu aluno. Agora, como agregar? É verdade que o professor desdenha do aluno em uma risada, em uma ação: “não, Lady Gaga, ahhh isso não é música”. Há uma proteção da ignorância do professor sobre a cantora. Não estou falando que a Lady Gaga é boa, não.

Agora, muitas vezes o professor critica o aluno aquilo que ele não consumiu, aquilo que ele não sabe. Eu já sei que o meu aluno consome aquilo, eu faço isso, eu tenho que ter humildade de anotar, eu ainda digo para o meu aluno “me ensina escrever esse negócio aqui que eu não sei”. Se aquela minha estratégia for pensada nisso quando eu vou

identificar, eu já vou acessar na aula, vou começar a mapear Lady Gaga, *Bad Romance* (Romance Ruim), que nós na nossa aula inaugural discutimos um pouquinho. Eu escutei depoimentos dos meus alunos de música aqui na UFG, e eu tenho artigos com depoimentos deles escritos. Alguns disseram: eu não sabia do quê falava a música....eu não gostava ou eu gostava, mas eu não sabia do que a música tratava. Então, eu posso até trabalhar o conteúdo amor, pois amor não é conteúdo? Respeitar o outro não é conteúdo? O que é carinho? Carinho não é conteúdo? Onde permeia a ética no amor, no carinho, no respeito?

Tem tanta coisa para discutir naquele clipe da Lady Gaga, por exemplo. Em tudo tem, eu vou olhar pelo meu território e permitir que meu aluno se territorialize, ou se re-territorialize, ou seja, re-signifique; olha lá a palavra ler e interpretar, re-interprete; olha lá a Abordagem Triangular, o Sistema Triangular Digital, re-contextualize. Que ele consiga re-expressar-se, re-fazer. Então, ele deverá culminar em um processo reflexivo, porque é filosófico pensar sobre alguma coisa. Que essa coisa não seja uma coisa, mas um signo, que seja um significado, que tenha uma significação, porque é um signo desse aluno, do repertório interno dele. E que ele culmine em um produto-ideia que vai ampliar a ideia que ele tinha sobre aquilo e é pela natureza epistemológica da arte, da arte-educação que ele vai realizar uma expressão artística intermediática daquele produto ideia. A ideia é essa, que ele faça a expressão. Opa, Fernanda, o que é uma expressão intermediática? A expressão intermediática terá diferentes paradigmas que a pessoa deverá elaborar, criar a partir da interconexão de diferentes suportes que é o que nós estamos pedindo para que vocês realizem.

Quem é o professor que vai ter a mínima condição de dar a ensinar, a encorajar o aluno a se expressar intermediaticamente se ele nunca experimentou isso na vida dele? E na perspectiva de mudar isso que estamos aqui, nós queremos que vocês, vão ter uma ideia, pesquisar sobre alguma coisa chegando na culminância de uma *poieses*, ou seja de uma expressão artística intermediática, ok?

Pessoal, vou aqui me despedir de vocês. Ficaram, certamente, muitas perguntas. Eu quero agradecer a delicadeza de vocês em segurar a onda aí, né? De não colocar as questões no bate-papo, porque a gente fica com vontade de colocar, né? Isso tudo está sendo gravado, eu vou pedir aqui, se for possível, para deixar um pouquinho mais aberto para vocês postarem todas as questões para que possamos responder. Vamos dar mais uns cinco minutos para vocês ficarem a vontade agora, postarem todas as questões, todas as reflexões que vocês desejam.

Espero, em breve, revê-los no próximo presencial, pois eu tenho gostado muito desses nossos encontros. E parabenizá-los porque temos muitas coisas para fazer. E, às vezes, estamos deixando um momento do trabalho para estar nesse encontro aqui. Veja o que nos custa, alguns sacrifícios para a nossa formação, não é? Eu penso que a própria atitude de vocês nesse curso, nesse momento, em todos os momentos, em tantas questões, tantos embates que vocês têm tido, que a gente tem promovido e vocês têm respondido a altura, é a resposta de muitas das perguntas que vocês fizeram. Isso me surpreende muito, me ensina muito. Vamos atrás, não vamos parar para que possamos estar sempre à frente, na frente com os nossos alunos que estão sempre à frente da gente. Temos muito que aprender com eles. Beijinhos no coração de vocês. Bom final de semana e até a próxima.

Professora Iolene:

Quero agradecer imensamente a presença da professora Lilian, nossa parceira aqui na vivência pela rede, à professora Fernanda pela tarde riquíssima que nos proporcionou. Aprendemos muito! É uma vivência maravilhosa conhecer a proposta da e/arte-educação. Agradecer também o Lauro, do Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (CIAR), que nos deu o suporte para que nosso evento acontecesse.

Professora Fernanda:

Olha pessoal, a professora Iolene tem uma paciência impressionante

comigo e muito desse curso nós devemos realmente ao esforço incansável dela. MUITÍSSIMO obrigada, professoras Iolene e Lilian!

Agora, eu queria pedir para cada um de vocês falar alguma coisa sobre suas impressões para os nossos alunos, o que podemos passar aqui para eles. Vamos lá, Lilian?

Professora Lilian Laurência:

Olá pessoal, boa tarde. Boa tarde, professora Fernanda, um momento riquíssimo. Bom, foram muitas as provocações e a parte que eu mais me diverti foi quando a professora Fernanda lançou o desafio de pensar ali a contextualização, a leitura e o como fazer. Ela disse mais ou menos assim: “se vira”. Vá para o jogo porque quem vai colocar as normas no seu território é quem está lá jogando.

Então, dessa maneira, eu penso que é um momento de construção mesmo. Ninguém tem nada pronto, nada totalmente fechado. O ensino, por mais que a gente tenha leitura das relações midiáticas, da tecnologia, ainda é elaborado de uma maneira “artesanal”. Nós precisamos construir isso aos poucos através de leituras, de reflexões, de aprendizagem, e isso é o que nós estamos buscando aqui.

Por isso é que eu parablenho vocês, discentes, por dispensarem um momento do dia para refletirem sobre esse assunto que nós estamos buscando compreender. Desse jeito vou me despedindo, desejando uma ótima tarde para vocês. Abraço.

Webconferência - Vivência pela Rede III

Professora Iolene:

Olá a todos,

Cumprimento a mesa, as professoras Fernanda Cunha e Nilcéia Protásio. E os tutores, orientadores e os nossos alunos que estão on-line.

Professora Fernanda:

Boa tarde a todos os alunos e alunas!

Quero mais uma vez agradecer a sempre colaboração da professora Iolene e agradecer muito a participação especial da professora Nilcéia Protásio.

Eu entendo que é muito significativo este momento da Vivência pela Rede porque temos a oportunidade de ter reflexões questionadoras. As proposições questionadoras da professora Nilcéia, que nos coloca em estado de investigação acerca da Metodologia do Ensino Superior, a inclusão da cultura digital juvenil na e-arte educação. Agora, com o feedback que a professora pode nos dar acerca das proposições investigativas que vocês trazem a ela, isso se torna muito interessante.

Espero que vocês instiguem muito a professora Nilcéia da mesma forma que contribuíram na Vivência anterior.

Como eu sei que essa turma é muito especial, bastante envolvida e vocês são muito críticos, então, judiem da professora Nilcéia, por favor.

Já vou me despedir de vocês deixando com a professora Nilcéia, deixando o meu beijo no coração de todos. Estamos em um momento complexo enquanto professores final de bimestre, em que nós estamos todos aqui e vocês aí, nos nossos próprios espaços, superando os nossos limites.

Professora Nilcéia Protásio:

Boa tarde a todos. É um prazer estar com vocês depois de um texto já socializado e de alguns pontos levantados.

Penso que agora é o momento, de repente, de voltarmos a alguns pontos das próprias provocações e reforço que a minha atuação, a minha área de formação e os projetos que desenvolvo hoje orientando alunos no ensino superior também são mais voltados para áreas musicais, mas isso dentro do campo das áreas artísticas. Então, a gente se depara com a juventude, com o grupo de alunos diante de

nós que nos desafia. Portanto, queremos gastar esse tempo que temos aqui para propor, quem sabe, não soluções porque não penso que nós temos a dupla problema-solução, mas temos caminhos e possibilidades para trabalhar a arte no contexto escolar, sobretudo, buscando uma interação, e uma atração, atrair o jovem para as atividades que nós vamos propor a eles.

Logo, percebemos que o texto provocou vocês de algum modo, mas eu quis chamar a atenção para as modificações das formas de comunicação e socialização porque não tem como pensar ser professor hoje e ignorar essas transformações. Então, quando a gente pensa na cultura digital juvenil, nós estamos falando de uma juventude que olha para o professor de forma diferente da que olhava há 30 anos. Montei o exemplo no próprio texto que vocês leram e acho que, de alguma forma, os professores evidenciam isso na sala de aula, que é o aluno fazer um trabalho e lidar com as informações na internet, que uso ele faz disso, o que é a situação do aluno estar diante de você em sala de aula e estar usando o celular. É você propor uma atividade e ele se recusar a fazer ou resistir fazer determinadas atividades por conta até da forma com que encara aquilo que você propõe.

Por isso, penso que algumas partes do texto podemos retomar, não no sentido de ficar repetindo, mas de avançar até colocando exemplos, se vocês tiverem alguma situação concreta vivenciada em sala de aula ou alguma situação hipotética que você pode de repente enfrentar culturalmente; Considerando os hábitos musicais dos jovens, o que eu percebo, e no texto eu cito o exemplo do Dael, que foi um pesquisador da escola, ele faz uma pesquisa sobre o rap e sobre o funk, gêneros tão próximos a nós, não diretamente a todos os professores, mas é grande parte da juventude que curte esse tipo de música.

Penso que é um bom exemplo para refletirmos sobre até que ponto pode ir o preconceito do professor e isso, de certa forma, atrapalhar a relação professor-aluno. Até que ponto é possível você pegar a cultura

do jovem, as experiências que ele vive, os gostos que ele tem e não querer transformá-los radicalmente. Porque se a gente ficar nessa missão de querer mudar o jovem, podemos ficar frustrados, mas acredito que é possível. Na área da música tenho vivido isso, os meus alunos também. Os acadêmicos do curso de licenciatura têm vivido isso, a possibilidade do aluno curtir o funk, curtir o rap. Talvez esse é o universo musical dele, a experiência que ele tem com a música e nós conseguiremos avançar para outros repertórios, para outras formas de opção musical. Então, penso que esses aspectos podem permear as nossas falas e as perguntas que, porventura, vocês têm interesse em fazer aproveitando todas essas provocações do nosso texto.

Yuri Gregório Ferreira de Moraes (aluno):

O estranhamento entre gerações (Nós/educadores e Eles/alunos) pontuado no texto provocativo da professora Nilcéia Protásio, se observado a partir do educador, pode ser/estar relacionado à tecnofobia ou ao receio de perda do controle e/ou protagonismo na transmissão do conhecimento?

Professora Nilcéia Protásio

Vamos por partes. Um ponto interessante porque a linha é estreita, né, Yuri? Porque para a gente caracterizar como tecnofobia é muito fácil também, pois se você pensar em um professor acima de 40 anos, de 50 anos, então o distanciamento dele em relação à faixa etária é muito grande. Assim, esse professor facilmente vai ter uma resistência à tecnologia e, talvez, como mecanismo de defesa, vai evitar os aparatos e os equipamentos tecnológicos. Assim, pode-se chegar a esse extremo.

Mas penso que é importante discutir também até que ponto esse professor está agindo com cautela, porque aí eu estou quase que na defensiva desse professor que não é tecnofóbico. Ele não tem medo de tecnologia, mas apenas tem algumas resistências quanto a ela. Talvez pelo seu próprio saber, seu conhecimento do processo no

ensino-aprendizagem. Penso que caso seja tecnofobia é importante superar, por isso que falar da formação continuada é oportuno, até passa por isso, quer dizer, o professor tem que atualizar não só seus conhecimentos no nível intelectual, mas seus conhecimentos metodológicos para alcançar seu grupo de alunos, no caso, para alcançar a juventude. Dificilmente você alcançaria sem se aproximar dessa juventude para saber como eles usam os seus equipamentos.

Então, penso que é fundamental que o professor saiba basicamente utilizar a tecnologia. Tem piadinha, que não sei se chegou no facebook, no celular, dizendo que precisava ter curso sobre como montar data-show, que o professor sabe quase tudo, mas precisaria aprender montar esse equipamento porque alguns não sabem nem montar. Isso passa a ser uma coisa quase inadmissível para o professor. Porque esse equipamento ficou tão fundamental em uma aula que algumas delas nem acontecem sem ele. Acredito que é importante o professor ter real noção desse distanciamento, quer dizer, eu sou de uma geração, o meu aluno é de outra, mas como professora eu dou aula acompanhando o tempo. Logo, eu tenho que me aproximar do meu aluno de uma forma didática e, muitas vezes, para ser didático preciso me atualizar, rever minhas metodologias e, para isso, me aperfeiçoar nos conhecimentos tecnológicos.

Mas creio que, para quem trabalha com turmas, é preciso dinamizar a didática. Eu penso que é fundamental. Se é a tecnofobia, ela tem que ser vencida pelo professor e o básico da tecnologia nós devemos saber manusear. Eu não sei se tem outro aspecto da pergunta, mas acho que você fala muito bem do estranhamento, a perda do controle. Mas olha só os professores, a partir de agora, vão ter que aprender a lidar com essa dissolução da figura do professor-autoridade porque a sociedade está vivendo isso.

Realmente aquele professor que tem necessidade de ser o centro das atenções vai ter problemas porque o que percebemos hoje é realmente uma distribuição das responsabilidades e aí a maturidade dele

se revela dentro de outras coisas. É você também dizer para o seu aluno: olha, eu também estou como aprendiz nessa história, estou em processo de aprendizagem, estamos juntos no mesmo barco. Eu acho que distribuir essa responsabilidade, dar equilíbrio faz bem. O jovem, quando você delega algumas coisas a ele, você pode até se frustrar algumas vezes, mas em algumas situações pode ser uma decisão acertada. Temos o Rúbio, né? Obrigada pela tua pergunta, vamos lá...

Rúbio Dorneles de Bessa (aluno):

Os relacionamentos afetivos juvenis foram analisados pela professora Fernanda a partir de Bad Romance, de Lady Gaga. Ela enfatiza que ouvir a canção sem assistir às imagens do videoclipe nos leva a interpretações e sensações diferentes. Consumir a música sem dar atenção aos seus conteúdos subjetivos nos leva a conclusões diferentes. Como os educadores podem e devem agir em um projeto pedagógico para aferir estas nuances em sala de aula sem recair na naturalização da cultura juvenil?

Professora Nilcéia Protásio:

Realmente não tem como ignorar o quanto as imagens nos provocam. Nós somos induzidos pelo gesto, pelo cenário, pelo figurino, pela performance, pela dança, pela coreografia. No caso, não tem como isolar a imagem do som. Penso que é possível fazer um projeto pedagógico de maneira objetiva, mas aí quando eu digo de maneira objetiva eu acho que um dos segredos é que você seja pontual e direcione os focos de atenção que você quer que o aluno tenha. E eu vou fazer um paralelo, um parêntesis com a educação musical. Eu comento bastante com meus alunos que é muito difícil você manter a concentração de uma turma de 40 pessoas. Estou fazendo um trabalho de apreciação musical, logo, não tem imagem. Eu coloco um cd que o aluno quis, seja qual pedido for, vamos pensar numa obra orquestral, instrumental, então, não tem letra, não tem uma interpretação que envolva texto, assim, o aluno vai ouvir. Dificilmente o aluno

vai ouvir numa postura quieta, concentrado, se atendo aos elementos musicais, interpretativos daquela obra se ele não for conduzido pelo professor. Por exemplo, quando trabalho em sala com meus alunos passando uma peça musical, uma obra para o aluno prestar atenção, eu pontuo os aspectos que ele deve prestar atenção.

Vamos prestar atenção na estrutura da música, na melodia, como é a estrutura, em que momento a melodia é repetida. Ou vamos prestar atenção na instrumentação, que instrumentos que entram, que instrumentos você reconhece nessa gravação: “eu reconheço o piano, eu escutei em determinado momento o violino”. Quer dizer, você tem mesmo que canalizar a atenção do aluno porque senão ele vai se perder. Então, penso que agora, considerando o videoclipe, que é uma coisa que o jovem lida diariamente, quer dizer, é uma coisa do cotidiano deles. Se o professor, no projeto pedagógico, não acrescentar nada do cotidiano do alunado, dificilmente vai ter esse poder de atração e um avanço na parte da percepção. Assim, penso que é possível você pegar até os mesmos vídeos, fazer uma coleta na sua sala de aula, por exemplo, fazer um levantamento de que cantores, que vídeos são mais assistidos na turma. Já entra aí um trabalho preliminar de pesquisa na turma e traz os vídeos para a sala de aula, seleciona-os com base em alguns critérios estabelecidos pelo professor ou pelos próprios alunos, em seguida categoriza os mesmos conforme os critérios estabelecidos e, com o aspecto subjetivo que nós temos nas linguagens artísticas, é possível que a partir dessa proposta pedagógica o aluno avance na sua maneira e eu vou até mais além.

Eu acredito que, depois de uma experiência dessas em sala de aula, marque a vida desse aluno até chegar ao ponto dele, a partir daquele momento, não ver o videoclipe da mesma forma, nem aquele nem outros porque o senso crítico dele vai estar mais apurado e ele vai ser mais crítico em relação as suas próximas experiências, penso eu. A próxima pergunta, temos mais uma aqui. Marilu da Silva Campos, obrigada pela sua participação, pela sua pergunta. Nós vamos ler para prosseguir...

Marilu da Silva Campos (aluna):

Assim como a professora Nilcéia Protásio, observo um descompasso entre “meu mundo” e “o dos meus alunos”... Isso me deixa insegura e cheia de dúvidas, por vezes, constrangida. Então, preciso saber: 1- O quê, e como usar as ferramentas necessárias para me aproximar dos alunos? 2- Como trabalhar na sala de aula com jovens divididos entre o mundo virtual e a matéria que está sendo ministrada no momento?

Professora Nilcéia Protásio:

Bom, vamos por partes. Com relação a sua segunda pergunta, eu tenho experiência recente de ontem à noite da minha aula, vou falar já, já. Mas você falou do constrangimento que, posso assegurar, Marilu, não é só seu. Então, vamos lá. Como usar as ferramentas necessárias para aproximar dos alunos? Bom, eu sempre falava com meus alunos quando ministrava Fundamentos de Didática, há um tempo atrás, que nós, professores, temos as nossas fragilidades, não somos super-homens, supermulheres, superpessoas, superprofissionais, embora façamos o esforço para chegar num ideal que se espera de um professor.

Mas eu penso que nós temos também pontos fortes, quer dizer, nossa experiência de vida, a nossa experiência pedagógica também conta. Assim, confie nela, eu acho que você pode trabalhar um pouco a sua autoestima no sentido de saber que não é perfeita, que você não está pronta, como ninguém está, mas que tem plenas condições de assumir uma sala de aula, de propor atividades, de passar alguns conteúdos, de provocar algumas questões nos seus alunos porque a sua trajetória de vida te permitiu isso.

Então, primeiro é confiar nas experiências que você já viveu, não ficar só insegura pelas experiências que ainda não viveu porque às vezes a gente fica ansioso de pensar no que ainda está por vir, ou focando naquilo que não sabe e se esquece daquilo que sabe. Ontem à noite mesmo, conversando com uma aluna minha que já anda muito cansada do ano letivo, e não é das alunas mais jovens que eu tenho, e

eu disse a ela exatamente o que eu estou dizendo para vocês. Muitas vezes, eu acho que alguns vão se identificar comigo, a ansiedade da vida está tanta, tantas coisas estão por vir e a insegurança está presente em nossa vida, que a gente deixa se levar por esse sentimento e fica sofrendo pelo amanhã que ainda não chegou, e acaba se esquecendo de valorizar o passado que já veio somar às nossas experiências. Isso sobrecarrega o nosso hoje e perdemos o foco. Então, eu penso que quando o professor entra na sala de aula ele tem que fazer um exercício, porque isso é um exercício, de pensar naquele momento, quer dizer, agora eu tenho esse tempo, o que eu vou fazer nesses 50 minutos de aula. Nesse período eu não preciso revelar aos meus alunos aquilo que deu errado, ou o equipamento que eu planejei e não funcionou, porque de repente o meu planejamento só eu sei. Portanto, se eu não revelar aquilo que não funcionou ninguém vai saber. Com isso eu desvio ele do foco daquilo que era para ter dado certo e não deu. Assim, eu acho que alguns constrangimentos podem ser amenizados, sabe, da gente não revelar tudo que deu errado e focar naquilo que está proposto para a aula daquele momento. E aí eu vou fazer uma ligação com a experiência de ontem à noite. Eu podia ter tirado uma foto porque a maioria dos alunos estava com o celular na mão ao começar a aula, e nem olhando para mim eles estavam. Então, eu sabia que eles estavam no *face*, ou fazendo sei lá o que. Olha, eram alunos do segundo período, são relativamente novos no curso. Eu abri a aula dizendo assim: olha, vocês certamente estão lidando com uma diversidade de professores. Cada professor tem a sua forma de ser, tem a sua forma de dar aula, tem sua forma de avaliar. Então, fiquem atentos para cada perfil de professor, e para o humor dele também porque professor tem essa coisa de humor, tem dias que ele tolera uma coisa, tem dias que não tolera. Eu acho que todos nós, de certa forma, somos assim em classe, tem dias que você não se importa que o seu aluno cochile, e tem dias que parece que a tolerância não está tanto assim. Assim, penso que lidar com a tecnologia na sala de aula,

ou seja, alguma coisa competindo com a atenção do professor passa por uma atitude pontual que você tem que ter naquele momento. Aí o equilíbrio você tem que achar de não ser em extremo autoritário, mas também não ser aquele professor tão “amigo” que não quer ou quer dar liberdade, já que os alunos sabem porque estão ali. Então, cada um decide o que quer fazer. Não muitas vezes o aluno não sabe, ele precisa de uma motivação, precisa de uma chamada. Assim eu penso, Marilu, e me identifico com você nesse meu mundo e no mundo dos alunos, mas eu acredito que essa aproximação pode se dar numa conversa amigável, mas pontual como eu fiz ontem. Talvez a minha maneira de falar tenha sido amena, mas eu olhei pra um e pra outro e eles entenderam o meu recado. Eu falei: olha, se vocês puderem, durante o tempo da aula, despedirem dos seus amigos aí no *face* e dizer que vocês estão em aula eu prometo que vou ser bem objetiva, bem rápida. Prestem atenção aqui no que eu tenho para mostrar e aí depois vocês vão ter tempo para conversar. Talvez essa negociação, esse acordo no início da aula pode surtir algum efeito para alguns da turma. Claro, um sucesso cem por cento, uma reação idêntica para todos, a gente não vai ter, mas creio que alguns resultados positivos podem vir a partir do momento que você se posiciona sem querer ser chata, mas com uma certa segurança daquilo que você tem para aquela aula. E, claro, na medida do possível, envolvê-los para que não tenham nem tempo para mexer no celular.

André Luiz Gonçalves (aluno):

Professora Nilcéia Protásio, em seu depoimento provocativo, alerta para o excesso de informações nos dias atuais. Como discernir e filtrar essas informações e repassá-las aos alunos?

Professora Nilcéia Protásio:

Realmente é um problema, André, e aí a internet vem com tudo. O doutor Google vem com tudo e os hipertextos, quer dizer, janelas que se

abrem a todo momento, e aí, diante do excesso e dessa aceleração, é natural que se perca o foco. Eu acho que a grande armadilha dos tempos atuais é pensarmos que, devido à diversidade de fontes disponíveis, o acesso está fácil para todos os alunos independente da classe social. Quer dizer, hoje não tem restrições quanto a isso, então, a armadilha está em realmente não ter critério nenhum porque tudo vira fonte de informação, mas não deve confundir a fonte de informação com o conhecimento. Vocês têm maturidade para entender que se vocês vão fazer um trabalho acadêmico vocês têm várias fontes na internet e essas fontes podem ser vídeos no *youtube*, ou dissertações de mestrado disponíveis nos bancos de teses dos programas de pós-graduação, blogs, *sites* que muitas vezes nem tem o nome do autor do texto, outras vezes têm. Quer dizer, eu acho que conscientizar os nossos alunos que não é farinha do mesmo saco, não são materiais iguais que eu tenho, não é só porque estão disponíveis que são da mesma natureza da mesma categoria. Então, eu acho que tem que diferenciar o trabalho acadêmico do não acadêmico, aquele que te dá confiabilidade, aquela fonte que não é muito confiável. Portanto, um nome de referência não é considerado assim do dia para a noite, o nome de um autor, se você buscar na internet, vai ver várias situações ou várias publicações em que atesta que ele, ou aquele professor, aquela pessoa tem uma trajetória intelectual e ela deve ser respeitada por aquilo. Não é, desculpe o termo, assim um “João Ninguém”, alguém que postou alguma coisa de modo irresponsável ou uma liberdade que lhe cabe também. Não vamos dizer que todos são irresponsáveis simplesmente porque postam sem alguma credencial, mas eu penso que é bom se atentar para isso, para essa diversidade de fontes que nós temos disponíveis na internet e tratar de forma diferente. Tem fontes que são mais confiáveis pelo próprio autor do texto porque você já viu outras publicações dele, então, isso te faz mais seguro ao ler e até usar para o seu trabalho acadêmico. Logo, eu acredito que é melhor ficar atento a isso e ensinar os alunos a ter senso crítico para filtrar essas informações e não tratar

todas no mesmo nível. Vamos para a Anilda de Araújo. Vamos lá Anilda, obrigada pela sua pergunta...

Anilda de Araújo Carvalho Mello Teixeira (aluna):

Os jovens são atraídos a todo o momento pelas imagens e músicas, como isso interfere diretamente em seu comportamento? Como usar esse recurso a favor do próprio jovem construtor de sua própria imagem?

Professora Nilcéia Protásio:

Isso, bem lembrado que ele é o construtor da sua própria imagem. Nós vamos interferir até determinado momento, até certo ponto porque também não é o nosso objetivo querer mudar o jovem. Eu acho que se o meu objetivo é fazer com que o meu aluno goste da música europeia ocidental: Beethoven, Bach, Mozart, por exemplo, que eu acredito, de repente, que essa é uma música de alto nível de qualidade musical, e quero fazer com que ele deixe de gostar da música do baile ou da balada que ele vai no sábado à noite, eu já estou frustrada. Se você focar nisso, vai ser um professor frustrado. Então, a gente tem que pensar que não vai fazer com que o jovem modifique radicalmente seus hábitos, mas pode interferir ao ponto que ele avalie aquilo que escuta e que descubra novas possibilidades de fruição, novas possibilidades de curtir outras músicas, outras artes e adquirir, quem sabe, novos hábitos que ele ainda não tem. Então, é a gente aceitar e valorizar porque eu percebo também que é uma estratégia que funciona muito bem. E é metodologia mesmo, você valorizar e demonstrar, não é fingir não. Você vai ter que fazer esse exercício de fato, reconhecer que a vivência do jovem é importante, que aquele gênero musical que ele escuta, que aquela roupa que ele veste tem uma forma, justifica, ele fez essa escolha e merece ser respeitado por isso. Assim, quando ele percebe que você o está respeitando por isso, que você está valorizando a experiência dele e está disposto a levá-lo mais além, olha, a receptividade dele muda. Eu já tenho ex-

periências pessoais e tenho experiências que os meus alunos me contam, vou contar um depoimento rápido de um aluno meu:

- Professora eu estava lutando muito contra um aluno que era indisciplinado demais na minha aula, ele não ficava quieto, nada prendia a sua atenção até que um dia, no final da aula, eu esperei todo mundo ir embora e fui conversar com ele em particular, e tive uma conversa assim bem amigável. Perguntei sobre a vida dele, o que ele gostava, o que ele não gostava e foram aqueles minutos cruciais para que esse aluno, numa próxima aula, me olhasse de uma forma diferente;

E me olhar de uma forma diferente fez com que ele, que até então era resistente, era um tanto rebelde, aproximasse de mim. Então, eu penso que às vezes podemos tentar algo que não seja coletivo, mas que seja pontual em algumas situações ou com algum aluno específico, que podemos ter essa aproximação caso esteja percebendo um distanciamento. Acho que aproximação passa por aí também. Vamos lá, Alessandra Nascimento, obrigada pela sua pergunta...

Alexandra Nascimento (aluna):

Outra questão levantada no depoimento provocativo e que me instiga em quanto professora é a quantidade de informação disponível para esses jovens na internet. Gostaria que a professora Nilcéia discutisse um pouco mais o papel deste professor hoje com tantas e diversas informações disponíveis de forma tão fácil na internet.

Professora Nilcéia Protásio:

Bom, a questão é realmente o que dificulta a nossa atuação, é porque não tem filtro por parte da própria internet, quer dizer, tudo é disponibilizado e o acesso realmente fica fácil. Quando o professor dispõe de computadores, notebooks na própria sala de aula, pode-se desenvolver uma atividade ao vivo e em cores para que os alunos, sei lá, em tantos minutos façam buscas aleatórias sobre determinado assunto, por exemplo. Podemos pensar numa proposta temática, se

you quiser lançar um assunto específico, seja de uma área ligada às linguagens artísticas ou algum aspecto comportamental da atualidade, enfim, um assunto que julgar pertinente no seu planejamento pedagógico, mas pode ser feita uma pesquisa aleatória. Aleatória eu ia colocar entre aspas, mas eu penso que é aleatória mesmo. Deixe os alunos procurarem, ou dê um assunto e o que eles encontrarem sobre esse assunto peça que tragam para a aula. Ou, então, nesses minutos eles irão acessar e listar os sites, as fontes que conseguiram achar sobre determinado assunto, ou artigo, imagem, opiniões. Eu penso que o que você deixar livre de maneira aleatória você vai coletar mais coisas do que já restringir de cara, e aí, com base no material coletado que, com certeza vai ser muito diverso, ou dando tempo para ele pesquisar em casa e trazer para aula, ou dando uns minutos para ele pesquisar por conta própria naquele tempo, com certeza vai ser várias fontes. Assim, a partir das fontes coletadas, eles mesmos vão fazer uma avaliação. Bom, o que você considerou interessante nessa fonte? Por que você listou e está pertinente nesse assunto? Ele vai ter a resposta dele. E penso que o próprio aluno, quando confrontar a diversidade de fontes, vai chegar a algumas respostas que, de repente, é o que nós queremos, que é a reflexão do que merece crédito ou não, do que é confiável ou não, do autor ou da pessoa que tem uma trajetória que deve ser respeitada ou não, para ele tratar de forma diferenciada as diversas fontes com maior ou menor credibilidade. Realmente, não ignorar que isso existe, caso você passe um trabalho e perceber que foi usada uma fonte (ou trecho, ou citação) de maneira indevida. A gente sabe que, com a questão da internet, por exemplo, plágio é uma coisa muito comum, está muito fácil copiar-colar, então, é essencial demonstrar para o aluno que você está atento, que é importante ele valorizar o que pensa, imprimir algo dele naquele trabalho. Portanto, eu particularmente gosto e falo para os meus alunos que eu tenho preferido trabalhos menores, mais sucintos, com menos páginas digamos assim, mas que seja dele, então, eu valorizo e dou

nota. Eu também tiro ponto se perceber que é plágio, se não for a opinião dele, se não tiver comentários dele. O aluno sabendo disso já não faz. Eu penso que a ausência do autor, a ausência do aluno no trabalho já fragiliza o conteúdo, então, vamos valorizar o que ele pensa. Eu acredito que com isso a gente começa a estabelecer uma cultura de valorização do que eu tenho, por mais simples que seja, por mais superficial que seja. Porque dependendo do nível de exigência do professor, alguns alunos tendem para corresponder porque o professor é impecável, aí querem puxar de outras fontes e com isso acontecem os crimes acadêmicos que são conhecidos como plágio. Penso que valorizar o que o aluno tem parece um discurso vazio, mas é muito importante se você quiser que ele expanda horizontes das mais diversas formas. Simone? Simone de Cezarina, muito obrigada pela pergunta.

Simone Ferreira da Silva (aluna):

O uso da música na escola provoca um melhor relacionamento entre os alunos, facilitando trabalhos coletivos e contribuindo com a perda da timidez, favorecendo a linguagem corporal. Como podemos desenvolver e incorporar essa metodologia em aula?

Professora Nilcéia Protásio:

Tudo bem, eu concordo com você, Simone, que a música contribui para a perda da timidez, mas eu percebo também que muitos de nós professores temos nossos bloqueios. Então, em algumas situações eu até sugiro que o professor feche a porta do seu quarto, lá na sua casa, e faça alguma coisa para ele, por ele, que seja ligar um som alto ali e dançar do seu jeito, como uma forma de trabalhar o seu eu, trabalhar o seu corpo porque muitas vezes nós temos bloqueios com relação ao movimento corporal, por exemplo, ou uma expressão corporal, que se eu não tiver isso quebrado em mim dificilmente vou fazer com que o meu aluno fique à vontade. Estou dando o exemplo aqui da expressão corporal porque você disse muito bem da questão da motivação que a

música provoca, e provoca mesmo. Tanto que vários professores de diferentes disciplinas utilizam a música com objetivos interdisciplinares e realmente ela tem esse poder de atração. Então, penso que começa por você, experiencie das mais diversas maneiras. Se você tem alguma dificuldade musical, quem sabe recorrer a alguma aula coletiva de música seria interessante. Entre num coral, não sei, tem algumas possibilidades coletivas porque a aula individual é um pouco mais complicada, mas penso que o professor, se ele quiser trabalhar bem determinada área, tem que se propor a vencer seus próprios bloqueios. Aí acredito, sim, que a música favorece a linguagem corporal e algumas metodologias podem ser utilizadas. Eu vou dar alguns exemplos para vocês acharem na internet. Vocês podem confiar no educador musical chamado Dalcroze, um suíço que trabalhou o movimento corporal na educação musical, e Orff, compositor. Orff com dois efes no final, que também trabalhou a música em movimento, textos parlendas. Tem muitas coisas que se vocês procurarem, podem achar no *youtube* alguns vídeos de jogos, de mãos e copos que usa ritmos, que com treino pode ter certeza que vocês conseguem. Não precisa ser músico formado para conseguir fazer não, com persistência no sentido de memorizar o texto e o gesto, é possível fazer. Nós temos alguns trabalhos voltados tanto para expressão corporal quanto para o uso de objetos, jogo de mãos e copos é uma das possibilidades utilizando parlendas. Parlendas são textos curtos recitados e é fácil trabalhar porque tem uma acentuação: *"meio-dia-a-macaca-sofia-panela-no-fogo-barriga-vazia"*. E aí você pode trabalhar textos longos ou curtos, tendo uma métrica o aluno sabendo trabalhar o ritmo, um pulso e você, pode variar textos, rimas, fazer com que os alunos criem os seus próprios textos ou criem melodias é uma forma de trabalho rítmico, mesmo o aluno mais leigo consegue realizar.

Você pode utilizar trabalhos corporais, como também gravações porque penso que não vamos ter instrumentos na sala de aula, a não ser que alguns de vocês toquem violão, ou teclado. Alguns podem até tocar instrumentos, mas não depende disso. E ainda, pode selecionar

um repertório que seja do cancionero popular folclórico ou dos próprios alunos e elaborar coreografia ou alguma parte que envolva gestual, que envolva pulsos, batidas para acompanhar a música.

Bem como propor também exercícios de imitação, reprodução do tipo “eu faço você repete”, então, “eu faço uma salva rítmica, os alunos repetem”. Ou alguma coisa que envolva inflexão melódica. Cada um vai cantar o seu próprio nome. Fale seu nome numa altura determinada, no som que você quiser, e aí vão sair diversas sonoridades. A gente pode brincar com a exploração vocal, corporal, com batidas rítmicas, corporais ou que utilizem objetos, recursos sonoros fazendo pesquisa. Tem um educador musical também (eu falei do Dalcrouci, do Orff) bem contemporâneo, que está vivo inclusive, que é o Schafer, eu não sei se está no texto, eu acho que não. É um canadense, vocês vão achar a paisagem sonora, é uma concepção dele. Ele defende que hoje a poluição sonora está demais, faz uma avaliação dos ruídos da modernidade e analisa que benefícios, que malefícios, o que esses ruídos nos provocam no sentido psicológico do corpo. Então, ele chega à conclusão, com um grupo de pesquisadores, que as interferências sonoras mexem com a gente. Se vocês procurarem também no *youtube* “paisagem sonora”, ou alguma coisa sobre o Schafer, irão achar atividades realizadas em escolas em que o professor desafia os alunos a fazerem pesquisa sobre os sons nos ambientes, por exemplo, qual é o som da escola, como se configuraria os sons da cozinha, os sons do meu bairro, os sons do shopping center. Assim você pode remeter os seus alunos aos diversos ambientes e, com base no material disponível que eles vão levar, as fontes sonoras das mais diversas podem compor uma peça de um minuto que seja com sonoridade e pode envolver como objeto a própria voz que vai dar o retrato, o recorte daquele ambiente. Então, o Schafer tem uma proposta interessante de paisagem sonora, ele tem um livro muito famoso que é *O ouvido pensante*. Esse livro discute com os alunos, e assim ele relata aulas prontas mesmo, aulas de composição e aí percebemos que nada está posto, mas perpassa por uma tro-

ca entre aluno e professor. “O que vocês acham que é música e ruído? O que é música? Vamos discutir o que é música, ahh...música são sons agradáveis ao ouvido! Ahhh.... são sons agradáveis ao ouvido? Então, vamos pensar...” Ele vai dar um exemplo de uma música que, de repente, não é tão agradável ao ouvido. Logo o aluno chega à conclusão: “ahhh, é mesmo, então música não é só o que é agradável ao ouvido.” E aí ele vai desmascarando alguns conceitos que para nós está pronto ou ficou pronto durante séculos. Ele chega à conclusão sobre a diferença de música e ruído. Que ruído é algo que é indesejado, que até uma música, se for num momento que eu não quero, pode ser considerada um ruído. Por exemplo, você está querendo dormir e, de repente, a música da festa do vizinho está interferindo de maneira negativa; para você é um ruído. Estou dando esse exemplo da música e do ruído porque o autor coloca no trabalho dele. É apenas um dos exemplos que a gente consegue formular, reformular, discutir, rediscutir sempre, pois são muitas vezes os conceitos que estão colocados e que o jovem gosta de ser desafiado a pensar. Então, penso que temos essas possibilidades.

Keila Mendes (aluna):

O importante é oferecer aos alunos outros futuros musicais valorizados ou não, sem preconceito ou estereótipo, diferentes daqueles que eles já têm contato no seu meio familiar ou de amigos, senão qual é o sentido da escola?

Professora Nilcéia Protásio

Keila, esse é o ponto, você captou muito bem, e aqui a gente fecha uma discussão importante: respeitar a experiência do outro, eu acho que isso, de fato, quando acontece, faz uma grande diferença e o aluno percebe quando o professor já desmascarou, o professor está disposto a ter acordos com ele. Então, o professor admitir que gosto pode até não se discutir, no sentido assim de cada um ter o direito de ter o seu gosto musical, de ter o seu gosto artístico, de ter o seu

gosto para roupa, o seu gosto para tudo, mas um gosto não anula outro. Quer dizer, eu posso continuar gostando de funk, o meu aluno não precisa deixar de gostar de alguma coisa. Dou o exemplo do funk, sertanejo universitário, estou dando esses gêneros porque são muito comuns no meio juvenil, mas ele pode somar a esses gostos, a esses gêneros, outras experiências. Pode ser também que daqui a alguns anos de tantas experiências, aquelas anteriores já perdem um pouco o sentido, perdem um pouco a graça, então, isso é aprendizagem, isso é crescimento, isso é amadurecimento na vida. Esta transformação, essa questão processual que vai a vida inteira é o que nos deixa realizados como professores. É a gente saber que o aluno entrou numa dinâmica, que o momento que eu deixar aquela turma, que eu não fazer parte mais da vida daquele aluno, ainda assim ele vai continuar nesse processo de aprendizagem. Então, realmente é admitir que o professor tem seu conjunto de experiências, o aluno tem o meio familiar, o seu meio de amigos, o seu meio social, o bairro onde vive, os eventos que vai, ele desenvolve o seu gosto, o seu vínculo, que acaba sendo um vínculo afetivo com as experiências, mas que nós podemos incorporar, podemos somar, no ambiente escolar nós podemos promover, podemos ampliar esse universo, esse repertório de experiências deles. Esse é o papel da escola mesmo, um dos papéis. Alcione, vamos lá, a sua pergunta...

Alcione Bezerra Gomes Barbosa (aluna):

Abordar o cotidiano do aluno e trazer para a sala de aula poderia ajudar valorizando-o a favor do questionamento em prol da qualidade. Através de músicas o professor poderia discutir com os alunos, você acha que poderia interferir e provocar outras opiniões?

Professora Nilcéia Protásio:

Olha Alcione, com certeza. Apesar de você lidar com um grupo da mesma faixa etária vai ter diversidade de opiniões e é muito importante

até o jovem perceber que onde ele for vai ter essa diversidade. E aí a questão é como eu vou lidar com o conflito. De repente nem é conflito, porque alguns transformam em confronto o fato de ter uma opinião diferente da dele, mas justamente encarar isso como algo bom. Ter alguém que pensa diferente de mim me dá a chance de refletir sobre aquilo que eu acredito, porque se fossem só pensamentos convergentes eu acho que nós teríamos pouco crescimento pessoal. O que nos faz crescer são os desafios da vida, das pessoas, então, penso que provocar outras opiniões realmente é o resultado da atividade que o professor pode promover quando ele utiliza músicas. Mesmo porque as pessoas têm relações diferentes com as músicas, cada um vai ter a sua história, a sua experiência de vida com aquela música específica. Dessa forma, acredito que o questionamento é bom e ele é em prol do crescimento mesmo. Portanto, penso que as músicas podem ser utilizadas das mais diversas formas, deixando o aluno pesquisar no repertório dele, ou o professor levando as suas próprias músicas. E quanto mais contrastantes, mais rica fica a experiência. A não ser que a sua proposta seja propositadamente pegar uma música "X", que foi interpretada por três ou cinco intérpretes diferentes, e propor algo comparativo. Aí é legal que seja a mesma música para o aluno apreciar de forma crítica tentando perceber o que tem de diferente numa interpretação que não tem na outra. É uma estratégia interessante também se você pegar o mesmo repertório. Mas se você quiser promover o conhecimento dele para outras músicas, faça uma pesquisa com base num repertório bem diversificado em tempo histórico, em gênero, para que o aluno possa também se posicionar. E, claro, gostando ou não, atingindo esse objetivo de reflexão e de crítica, acredito que a aula alcançou a meta desejada. Eu acho que é isso, Alcione, o foco da sua questão, valorizar o questionamento sim, mais do que a resposta pronta, o aluno ir para casa com aquela pulga atrás da orelha, inquietado. Acho que isso nos motiva a crescer.

Professora Iolene:

Professora Nilcéia, muitíssimo obrigada, aprendemos muito, metodologias que nos ajudarão a trabalhar em sala de aula. A música é uma ferramenta importantíssima para o educador e o aluno está consumindo isso de forma bastante expressiva e muitas vezes não sabemos lidar. Recentemente, acho que até os alunos já ouviram a minha fala, meu filho ouviu esses clipes do Mc Pedrinho “boquete, boquete bom” e eu não sabia o que era, a gente não dá conta de acompanhar o que eles acessam, o que eles consomem na internet. E foi a partir do consumo do meu filho que passei a conhecer a as músicas mais acessadas na rede. A partir disso estudei sobre elas porque é isso que os nossos alunos estão consumindo. E quando a gente percebe a letra, não tem praticamente nada, são palavras que estão direcionando comportamentos e valores desse público jovem. Então, assim, muitíssimo obrigada pela sua participação, pelas metodologias sugeridas, que nos fazem refletir em nossa prática em sala de aula. Se quiser dizer mais alguma coisa, fazer um fechamento, fique à vontade.

Professora Nilcéia Protásio:

Eu penso que é isso mesmo. É apenas uma das histórias que você conta sobre seu filho, e infelizmente a gente lamenta mesmo o que a juventude tem ouvido em termos de letra de música. Então, eu acho que o papel do professor passa por aí também, em abrir os ouvidos dos jovens e, digamos assim, distraí-los, fazendo-os ouvir outras músicas e quando eles perceberem estarão curtindo outras coisas também, porque eles são alimentados pelo próprio grupo social e isso vai fomentando os mesmos comportamentos.

Penso que a escola é mesmo o lugar propício para a propormos novas experiências e o professor deve assumir isso como responsabilidade, não deve carregar o mundo nas costas. Eu acho que o peso pra nós já é muito grande, mas acredito que o pouco que a gente consegue

fazer é muito. Pode parecer que é insuficiente, claro, sempre parece insuficiente pensando no mundo inteiro em uma transformação mundial, mas eu penso como é gratificante para nós, professores, mudarmos o comportamento de um aluno, ter alegria em mudar uma pessoa, uma cabeça e fazê-la avançar. Eu acho que o fascinante de lidar com ser humano é isso, eu acho que isso nos motiva. O professor está cansado de muitas coisas, mas o fascínio de lidar com o ser humano é um privilégio, então, se pudéssemos mudar o nosso discurso de vítima, seria muito bom. Eu vejo quem trabalha em escola pública, claro tem razão de reclamar, mas é fascinante você poder trabalhar com seres humanos e acreditar que você pode mudar. Então, continuem fortes e firmes que estamos juntos. Sucesso!

Professora Iolene:

Mais uma vez, obrigada professora. Obrigada a todos os nossos 51 alunos que estão on-line.